

2023

**INÊS ISABEL
AMARO DE ARAÚJO**

**O MINIMALISMO E A SUA
INFLUÊNCIA NO DESIGN DE
ESPAÇOS INTERIORES**

2023

**INÊS ISABEL
AMARO DE ARAÚJO**

**O MINIMALISMO E A SUA
INFLUÊNCIA NO DESIGN DE
INTERIORES PARA O FUTURO**

Dissertação apresentada ao IADE - Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação da Universidade Europeia, para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Design do Produto e do Espaço realizada sob a orientação científica do Professor Doutor Rui Cunha, da Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação

agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer aos meus pais que me apoiaram desde o início. Obrigada mãe, por me mostrares o lado ternurento da vida e por me incentivares a não ter medo de arriscar. Obrigada pai, por seres o meu outro pilar e seres a palavra resiliência e determinação em pessoa. Uma filha nunca poderá pagar o que uns pais como os meus me deram, senão apenas retribuir com amor e uma vida feliz. Obrigada, mãe e pai. Ao meu irmão, pelo amor que partilhamos ao longo destes anos e por ter sido a melhor prenda que poderia ter pedido. Obrigada, Pedrito. Agradeço também aos meus avós maternos e paternos, por me apoiarem desde a minha existência e por estarem sempre do meu lado a olhar por mim, mesmo através de uma estrelinha. Obrigada avó Maria, avô Tó, avó Ângela e avô Américo. A todos os meus restantes familiares, só tenho que agradecer todo o suporte dado durante a minha existência, mas principalmente nesta reta tão importante. Obrigada a todos. Em quinto lugar, ao Nuno pelo amor durante grande parte desta jornada, pelo incentivo e apoio incondicional. Agradeço por estares sempre do meu lado em todas as decisões. Obrigada, Necas. Ao meu orientador Professor Doutor Rui Cunha, pela disponibilidade e acompanhamento ao longo da realização desta investigação. Agradeço por fim, a todos os que encontrei durante este último percurso. Às minhas amigas que partilharam esforços e contribuíram para que de alguma forma pudéssemos ter um futuro melhor e levar esta última etapa a bom porto. Espero que este trabalho possa suscitar curiosidade e responder a algumas das vossas perguntas. Tenciono principalmente a todos vocês a refletir o que para

mim é o ideal do minimalismo e como é que este conceito pode causar tanto impacto.

palavras-chave

Minimalismo, Design, Simplicidade, Minimalistas, Estilo de vida.

resumo

O minimalismo no design de interiores é para muitos um conceito na moda mas, um pouco vago. Muitos dos indivíduos confundem a sua utilização e definição e aplicam-na de maneira incorreta no seu quotidiano. Para que isso não aconteça há que conhecer a sua origem e desenvolvimento. Este estudo tem o intuito de esclarecer o conceito fazendo o contexto histórico, artístico e cultural até à sua expressão na contemporaneidade.

Definiram-se as características do minimalismo na área do design, mas mais em particular no de interiores. Assim sendo, procurou-se a partir de projetos e casos de estudo, informações que delineassem as particularidades da sua aplicação no design de interiores.

Keywords

Minimalism, Design, Simplicity, Minimalists, Lifestyle

abstract

Minimalism in interior design is for many a trendy but somewhat vague concept. Many people confuse its use and definition and apply it incorrectly in their daily lives. To prevent this from happening it is necessary to know its origin and development. This study aims to clarify the concept by making the historical, artistic and cultural context until its expression in contemporary times.

The characteristics of minimalism were defined in the area of design, but more particularly in the interior design. Therefore, it was sought from projects and case studies, information that would outline the particularities of its application in interior design.

ÍNDICE

Resumo	1
Abstract	3
Índice de Figuras	7
INTRODUÇÃO	11
METODOLOGIA	13
PARTE I – Contexto histórico e artístico do minimalismo	15
1.1 O minimalismo nas artes	17
1.2 Minimalismo na pintura	18
1.3 Minimalismo na escultura	23
1.4 Minimalismo na música	27
1.5 Minimalismo na arquitetura de interiores	31
1.6 O minimalismo como filosofia de vida	38
PARTE II – O minimalismo no Design de interiores	41
2.1 Influência Japonesa	42
2.2 Influência Nórdica	46
2.3 Características Gerais	50
2.3.1 Organização Minimalista	51
2.3.2 Cor	53
2.3.3 Mobiliário	54
2.3.4 Iluminação	57
2.4 Divisões de uma Habitação	59
2.4.1 Sala	60
2.4.2 Cozinha	63
2.4.3 Quarto	66
2.4.4 Casa de Banho	70
2.4.5 Exterior	73
2.4.5.1 Garagem	73

2.4.5.2 Jardim	73
2.5 O minimalismo como expressão da contemporaneidade	75
CONCLUSÃO	78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	80

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. O Casamento da Razão e da Miséria, II, Frank Stella, 1959 (Frank Stella. The Marriage of Reason and Squalor, II. 1959, n.d.).....	19
Figura 2. Jo Bear, Horizontals Flaking, Large, Green Line, 1966 (Baer, n.d.).....	20
Figura 3. Kasimir Malévich: Cuadrado negro sobre fondo blanco, 1913 (Márquez, 2008).....	21
Figura 4. Primeira exposição de Donald Judd na Green Gallery, 1963 (Bellamy, n.d.).....	24
Figura 5. Tubos fluorescentes e metal, Dan Flavin 1933–1996, 1220 × 1220 mm (Dan Flavin, 2022).....	25
Figura 6. “Dois cubos modulares abertos/half-off”, Sol LeWitt 1928-2007, 1600 × 3054 × 2330 mm ('Two Open Modular Cubes/Half-Off', Sol LeWitt, 1972 Tate, n.d.).....	25
Figura 7. Music For 18 Musicians, Steve Reich, 1978 (RTP_ ANTENA 3, 2018).....	29
Figura 8. Capela S. R. Crown Hall, Mies Van der Rohe, 1956 (Santos, 2016).....	33
Figura 9. Ibaraki Kasugaoka Church, Tadao Ando (Igreja da Luz).....	34
Figura 10. Compilação de fotos da Villa, Galeria Karuizawa, Makoto Yamaguchi Design Inc. (Home, n.d.).....	35
Figura 11. Pavilhão de Portugal da Expo '98, Siza Vieira, 1997-1998 (Pavilhão De Portugal ULisboa, n.d.).....	36
Figura 12. Vista exterior de DBJC House, Alberto Campo Baeza, 2005 (2005 DBJC HOUSE, Cádiz, 2005).....	37
Figura 13. Parte 1- Compilação de fotografias da TriBeCa Penthouse do Hotel Greenwich.	44
Figura 14. Parte 2- Compilação de fotografias da TriBeCa Penthouse do Hotel Greenwich.....	44
Figura 15. Parte 1- Compilação de fotografias do CUB Coffee Bar, na Dinamarca (CUB Coffee Bar, 2020).....	47
Figura 16. Parte 2- Compilação de fotografias do CUB Coffee Bar, na Dinamarca (CUB Coffee Bar, 2020).....	48

Figura 17. Aplicação de cores minimalista na sala de um apartamento em Oeiras (Apartamento Oeiras, n.d.).....	53
Figura 18. Apresentação da sala na Moradia Boavista (Moradia Boavista, 2021).....	54
Figura 19. Aplicação de diferentes materiais no mobiliário na sala de uma Moradia Boavista (Moradia Boavista, 2021).....	55
Figura 20. Apresentação da entrada da Loja Boutique Foz I (Loja Boutique Foz I, 2022).....	57
Figura 21. Compilação de fotografias da sala do Apartamento Oeiras (Apartamento Oeiras, 2022).....	58
Figura 22. Sala de estar do projecto do arquiteto Nildo José (Projetos Residenciais, 2023).....	60
Figura 23. Estante da sala de estar do projecto do arquiteto Nildo José (Projetos Residenciais, 2023).....	61
Figura 24. Proposta do Chef Mark Bittman (Bittman, 2007).....	64
Figura 25. Proposta legendada do Chef Mark Bittman (BITTMAN, 2013).....	64
Figura 26. Disposição da cozinha do projeto do arquiteto Filipe Saraiva (Casa Em Ourém, 2019).....	65
Figura 27. Organização de espaço segundo a ergonomia (Ramstedt, 2020).....	66
Figura 28. Suíte minimalista e sóbria (Moradia Cantanhede, 2022).....	67
Figura 29. VARDÖ - Caixa de arrumação p/cama, branco, 65x70 (VARDÖ White, Bed Storage Box, 65x70 Cm, n.d.).....	68
Figura 30. Compilação de imagens do lavatório da Moradia Tomar (Moradia Tomar, 2022).....	71
Figura 31. Compilação de imagens do modelo W+W da Roca Design Centre (Lavatório E Sanita Numa única Peça? Adira à Revolução W+W, n.d.).....	72
Figura 32. Compilação de imagens do pátio e do jardim do projecto do arquitecto Filipe Saraiva (Casa Em Ourém, 2019).....	74

INTRODUÇÃO

Nesta dissertação, será analisado o tema “O minimalismo e a sua influência no design de espaços interiores para o futuro”, com o intuito de entender a partir das características do minimalismo qual terá sido o impacto que este conceito teve até aos dias de hoje e terá nas gerações atuais. Ao longo do documento é analisado todo o contexto histórico, artístico, filosófico com a finalidade de perceber como é que o conceito em questão, se relaciona com o design nas suas diferentes áreas. Sendo este um tema ainda controverso, este documento tem como objetivo, abrir portas para outras mentalidades, tendo em vista projetos e estilos de vida. Em torno deste propósito, pretende-se compreender de que forma é possível ser-se mais minimalista num futuro próximo e se será algo a ter em consideração no quotidiano.

Esta dissertação será constituída por duas partes, sendo a primeira o “Contexto histórico e artístico do minimalismo” e a segunda “O minimalismo no Design de interiores”.

É inicialmente dado um contexto introdutório a este conceito, segundo a perspectiva de diferentes autores dentro do enquadramento histórico e artístico. Em cada subcapítulo, é abordado o minimalismo como processo criativo com expressão na área da pintura, da escultura, da música e da arquitetura de interiores. Ainda dentro deste mesmo capítulo, encontrar-se-à uma reflexão sobre o minimalismo como filosofia de vida, como tentativa de entender e explorar a diferença entre o necessário e o útil. Esta primeira parte é essencial, pois é a forma de perceber a origem do minimalismo, nas suas várias vertentes.

A segunda parte, estará dividida sobre um encadeamento de quatro ideias dentro do design de interiores. Para entender o conceito aplicado a esta área, será feita numa primeira abordagem para encontrar influências distintas, de modo a perceber se este pode coexistir num espaço, em que a cultura e o design sejam diferentes. Este tipo de análise, irá ajudar a entender se o minimalismo consegue se moldar às diferenças que existem ao seu redor. No segundo subcapítulo, será descrito com mais pormenor o tema em análise, de acordo com as características que melhor definem um espaço minimalista. Esta necessidade de listar e descrever o que define um ambiente destes, é crucial. Antes de finalizar, será necessário perceber, a partir de casos reais, como é aplicado num ambiente. A conclusão da dissertação faz uma análise ao tema, “O minimalismo e a sua influência no design de espaços interiores para o futuro”.

METODOLOGIA

Relativamente à metodologia utilizada na presente dissertação, o seu apoio teórico atravessou por uma recolha, que permitiram à escrita do estado de arte e de abranger várias temáticas relacionadas com o minimalismo. Assim sendo, os capítulos e subcapítulos estão redigidos considerando os diferentes autores. A principal preocupação desta dissertação, tem como objetivo perceber toda a base do minimalismo para se possa posteriormente responder à questão de investigação: O que é o minimalismo e como se expressa no design de espaços, em particular, interiores. A partir desta questão, procura-se dar resposta com base nos fundamentos dos autores que já trataram o tema estruturando-se a dissertação da seguinte maneira.

Parte I - Contexto histórico e artístico do minimalismo

No final da década de cinquenta, o minimalismo surgiu como movimento artístico nos Estados Unidos da América. Este aparecimento trouxe muitas preocupações e dúvidas aos artistas, uma vez que colocou em causa os princípios de toda a arte até então desenvolvida, por fazer “(...) oposição à exuberância de uma facção do Expressionismo Abstrato que marcou as décadas de 40 e 50” (Oliveira, 2009). Tendo tal facto em vista, a expressão artística cingia-se ao essencial, eliminando assim a “expressão pessoal” (Oliveira, 2009), que era maioritariamente observado no expressionismo, no fauvismo, no cubismo, no futurismo, no dadaísmo e no surrealismo.

A implementação do minimalismo nos Estados Unidos, deveu-se à aplicação do minimalismo na escola da Bauhaus por artistas como Kazimir Malevich, Piet Mondrian e outros, vinculados ao movimento De Stijl. Estas ideologias estavam relacionadas com a função, no que, posteriormente, se veio a designar de “estilo Bauhaus” (Droste, 1998). Setenta anos mais, tarde após a sua instauração, a Bauhaus foi considerada uma das mais prestigiadas escolas e pioneiras no ramo do design.

Quem se referiu pela primeira vez o termo minimalismo foi David Burlyuk na exposição Dudensing Gallery, do pintor John Graham, em Nova York no ano de 1929. (VanEenoo, 2011) O artista ucraniano afirmou que o “Minimalismo deriva seu nome do mínimo de meios operacionais. A pintura minimalista é puramente realista – sendo o assunto a pintura em si” (MoMA, n.d.). Durante a década de 1960, em Nova York, muitos eram os conceitos que eram dados a este movimento, tal como “Arte ABC” ou “arte receptiva” ou “literalismo”, contudo foi o termo minimalismo que perdurou entre os designers impulsionadores como Carl Andre (a. 1935), Dan Flavin (1933-1996), Donald Judd (1928-1944), Sol LeWitt (a. 1928) e Robert Morris (a. 1931). (Batchelor, 1999)

O minimalismo, apresentava características que se diferenciam dos restantes movimentos tal como: a lucidez, o essencial, a ordem e a facilidade de comunicação entre o Homem e o objeto ou espaço (Estevão, 2015). As características que são descritas, marcaram um período de desuso tendo em conta o consumo transitando por uma postura para o essencial (Quadri, 2021). Para que um artista criasse um objeto ou um espaço de acordo com estes princípios, teria de

passar por vários passos, sendo o primeiro: limitar e não restringir o que é primordial (Obendorf, 2009) Assim sendo, teria de excluir o que está a mais, desde as formas, aos traços ou pensamentos inerentes na obra de modo a criar algo plenamente necessário (Mamede, 2021). Resumidamente, a produção artística era produzida concentrando-se na sua totalidade do trabalho e não de maneira particular (Gómez, 2015).

Em suma, e de acordo com o autor, este afirma que

“O termo Minimalista é muitas vezes aplicado coloquialmente para designar ou sugerir qualquer coisa que seja poupada ou despojada do seu essencial absoluto.(...)” e que o seu princípio define-se por ser uma “(...)ferramenta teórica útil que apoia uma compreensão mais diferenciada da redução, e assim cria um ponto de vista que permite a definição da simplicidade nos seus vários aspectos.”

(Obendorf, 2009)

1.1 O minimalismo nas artes

Durante a fase de expansão o minimalismo foram muitos os arquitetos, cineastas, músicos e pintores que expressaram a sua arte nesta corrente, tal como o - artista plástico minimalista norte-americano, Donald Judd, dramaturgo e escritor irlandês o Samuel Beckett, escritor norte-americano Raymond Cleve Carver, compositor norte-americano o Philip Glass, cineasta francês o Robert Bresson, artista plástico norte-americano o Dan Flavin, artista plástico/pintor norte-americano o Frank Stella, entre outros (História Da Arte – Arquitetura, Pintura, Escultura, Artes Gráficas E Design., 2012).

Em todas as artes envolvidas no minimalismo - artes plásticas, música, arquitetura, cinema, literatura- eram utilizados o mínimo de recursos possíveis mas com o intuito de querer passar uma mensagem clara e assertiva (História Da Arte – Arquitetura, Pintura, Escultura, Artes Gráficas E Design., 2012). Convém realçar que este ofício está ligado à arte conceptual sendo consecutivamente, uma influência do construtivismo (TATE, 2022).

1.2 Minimalismo na pintura

Como referido, o minimalismo nasceu nos Estados Unidos na década de 50, sendo um movimento de caráter abstrato e caracterizado pela sua objetividade e simplicidade. Os artistas que se manifestavam através desta corrente tinham componentes comuns entre si, utilizando assim um vocabulário próprio. Nas obras envolvidas havia uma percepção de mistério, pois muitos dos quadros possuíam serenidade e simplicidade, ou seja, uma tranquilidade objectiva (Mamede, 2021).

Artistas como Ad Reinhardt, Frank Stella, Robert Morris, Carl André, Richard Serra, Yves Klein, Donald Judd, Robert Smithson, Sol de Witt e Dan Flavin, exploram as propriedades físicas do “(...) espaço, forma, volume, escala, cor, e materiais (...)” (Oliveira, 2009) como fenómenos interessantes por si (Oliveira, 2009). A vinda deste novo movimento teve influências construtivistas, pela maneira como os pintores aplicaram as formas geométricas (retangulares e cúbicas), reduzindo-as ao essencial, e como é que aplicavam a repetição destas mesmas sobre uma cor.

A cor num quadro minimalista é muitas vezes a chave predominante na obra do pintor. Neste movimento são encontradas muitas pinturas monocromáticas, uma vez que o uso de muitas destas em simultâneo origina a oscilantes emoções. Os pantones mais usados são normalmente neutros a fim de valorizar as formas geométricas (Vázquez, 2014). Contudo, alguns artistas utilizavam preto ou branco nos seus quadros tal como os casos abaixo descritos de Frank Stella, Jo Bear e Kasimir Malévich.

Em 1959, Dorothy Miller organizou a exposição “16 Americans” no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque. Frank Stella foi um dos artistas convidados. Stella, na década de 60, deu representação à abstração geométrica e ao construtivismo na arte minimalista, daí o surgimento do quadro “O Casamento da Razão e da Miséria, II”¹, uma das quatro obras do conjunto de “Pinturas Negras” de Stella. (Figura 1) De acordo com o artista Carl Andre, “Frank Stella não está interessado em expressão ou sensibilidade. Ele está interessado nas necessidades

¹ “The Marriage of Reason and Squalor, II” (Frank Stella. The Marriage of Reason and Squalor, II. 1959, n.d.) - Traduzido em DeepL Translate

da pintura... As suas linhas são os caminhos do pincel sobre a tela. Esses caminhos levam apenas à pintura.”² (Frank Stella. *The Marriage of Reason and Squalor, II*. 1959, n.d.)

Os trabalhos que foram apresentados nesta exposição eram consideradas de "caráter extraordinariamente fresco, ricamente variado, vigoroso e jovem"³ (Miller, n.d.). Com isto, a curadora Dorothy Miller pretendia promover talentos artísticos inovadores e mostrar, aos mais conservadores, arte que, até então, não tinha sido vista com a devida relevância.

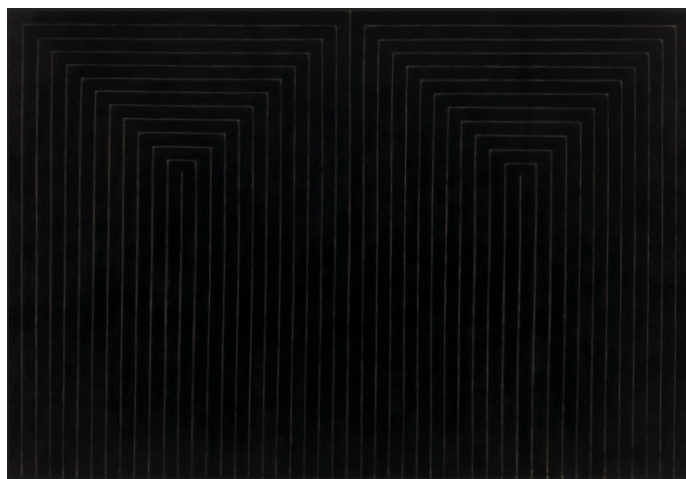


Figura 1. O Casamento da Razão e da Miséria, II, Frank Stella, 1959 (Frank Stella. *The Marriage of Reason and Squalor, II*. 1959, n.d.)

Em conformidade com a paleta de cores existente, a utilização do branco simboliza a perfeição. Pelo facto de se conseguir atingir a soma de várias cores da luz, tal como: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta. A tonalidade branco durante algum tempo foi considerada para os impressionistas uma não cor, pois era a cor da luz. Contudo, após vários debates entre artísticas concluiu-se que o branco é uma cor, mas existe uma diferença fundamental entre a “(...)teoria óptica e prática da nossa visão.” (Estevão, 2015).

² “Frank Stella is not interested in expression or sensitivity. He is interested in the necessities of painting... His stripes are the paths of brush on canvas. These paths lead only into painting.”(Frank Stella. *The Marriage of Reason and Squalor, II*. 1959, n.d.)- Traduzido em DeepL Translate

³ “unusually fresh, richly varied, vigorous, and youthful character.” (Miller, n.d.)- Traduzido em DeepL Translate

A artista Jo Baer, durante a década de 60, foi considerada uma das pintoras mais radicais para a altura. Em 1966, a artista criou o quadro “Horizontal Flaking, Large, Green Line” (Figura 2) como forma de transparecer preocupações pessoais e “(...)processos ópticos de percepção” (Baer, n.d.). Esta obra é apresentada por dois painéis com a orientação na horizontal (daí “Horizontal”) e pendurados lado a lado (daí “Flaking”). Baer, nesta composição pintou os quadros da mesma maneira, na qual ambos tem um fundo branco (óleo e acrílico) e uma faixa ténue no seu rebordo com a cor verde (“Green line”), dividindo a faixa delimitadora preta (Baer, n.d.).

De acordo com o museu Guggenheim, a utilização desta faixa verde deve-se a “Efeitos perceptivos também contribuem para o curioso jogo da pintura entre espaço infinito e espaço finito: se o espectador alterna seu foco, o solo branco muda entre aparecer como um espaço ilimitado atrás do quadro pintado ou um campo concentrado limitado por sua borda.”(Baer, n.d.)

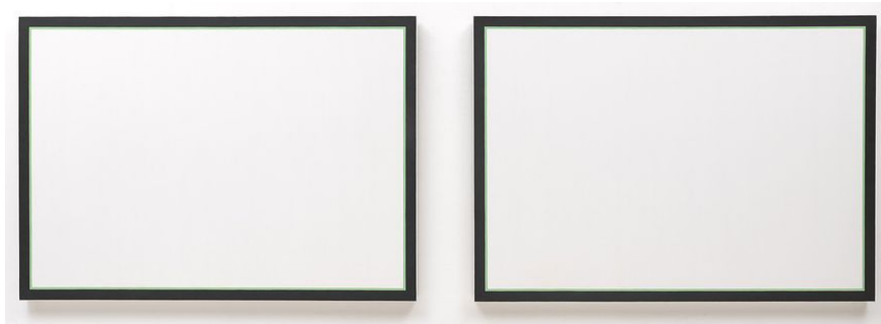


Figura 2. Jo Baer, Horizontal Flaking, Large, Green Line, 1966 (Baer, n.d.)

Relativamente à cor preta, desde a Idade Média que esta tonalidade era vista como algo pejorativo e negativo. Contudo, durante a Revolução Industrial, a cor foi tendo uma presença mais forte e uma conotação para moralidade, seriedade e moral. Dentro do design, o preto teve maioritariamente um intuito de tornar as peças mais simples e modernas. Um exemplo disso, foi em 1908, Henry Ford afirmar para os seus clientes em relação ao modelo Ford Modelo T que “Qualquer cliente pode ter um carro pintado em qualquer cor que ele deseje, desde que seja

preto”⁴ (Pereira, 2017). Deste modo consegue-se perceber que o preto também era uma cor de austeridade, tempo e riqueza (Pereira, 2017).

Na figura 3, está apresentada a obra do compositor suprematista, Kasimir Malévich, o “Quadrado negro sobre fundo branco” (Torres, 2015) na qual culmina as cores preto e branco no mesmo quadrado. De acordo com Moreno Márquez a utilização do preto na obra do artista proporcionou um “(...)equilíbrio, confiança ou serenidade, mas também libertação através de Apagamento, Anulação e Desassociação”⁵(Márquez, 2008). Como o Márquez afirma, esta harmonia no quadro, permite com que não haja espaço para o caos e ruído na obra, passando assim uma mensagem mais subjectiva (Márquez, 2008). O pintor Malevich pretendia nesta obra e em outras tantas, provocar e chocar o espectador, não pela sua representação, mas sim pela “(...)força interior e a necessidade do que é representado(...)”⁶(Márquez, 2008).

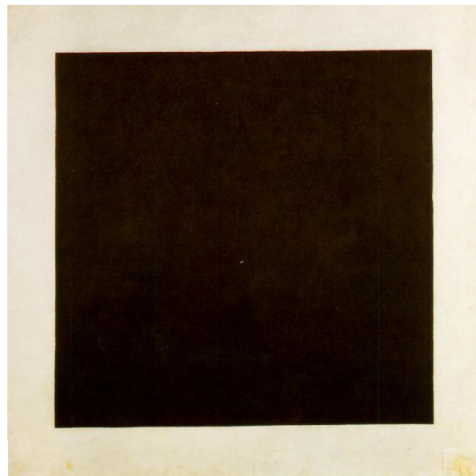


Figura 3. Kasimir Malévich: Cuadrado negro sobre fondo blanco, 1913 (Márquez, 2008)

⁴ “Any customer can have a car painted any colour that he wants, so long as it is black”(Pereira, 2017)- Traduzido em DeepL Translate

⁵ “(...)aplomo, confianza o serenidad sino también liberar por el Borrado, la Anulación y el Desasimiento”(Márquez, 2008)- Traduzido em DeepL Translate

⁶ “(...)sino la fuerza y necesidad interiores de eso representado(...)”(Márquez, 2008)- Traduzido em DeepL Translate

Entre notas conclusivas, é perceptível que, perante a história da pintura que esta se encontra em constante divisão entre a tradição e as regras vs o que é objetivo e de carácter mais pessoal. Durante a década de sessenta essa diferença foi bastante notória, pois após a Segunda Guerra Mundial houve uma necessidade de adaptação e simplificação. Deste modo, o minimalismo dentro da pintura foi construído numa linhagem de pensamento e de filosofias, com a finalidade de todas as peças artísticas/obras terem um mesmo conceito. De acordo com diretor e artista Peter Greenaway, este faz um paralelismo com a atualidade em relação à pintura como é vista atualmente. Assim sendo afirma que:

“Hoje em dia, muitos percebem a pintura como algo ao mesmo tempo remoto e insignificante. Isso é um erro trágico. A pintura está sempre à frente no que diz respeito a desenvolvimentos sociológicos e filosóficos. Veja-se o século XX: todos os movimentos filosóficos começaram com a pintura - Cubismo, Surrealismo, Minimalismo, Estruturalismo e assim por diante. Uma nova forma de pensar sobre o mundo manifesta-se sempre na pintura. Para mim, a pintura está a liderar todas as outras artes”⁷.

(Obendorf, 2009)

⁷ “Today, many perceive painting as something that is both remote and insignificant. That is a tragic mistake. Painting is always ahead where sociological and philosophical developments are concerned. Look at the 20th century: all philosophical movements began with painting – Cubism, Surrealism, Minimalism, Structuralism and so forth. A new way of thinking about the world manifests itself always in painting. For me, painting is leading all other arts” (Obendorf, 2009)- Traduzido em DeepL Translate

1.3 Minimalismo na escultura

No âmbito da escultura minimalista, os artistas conseguiram recorrer a uma arte mais aberta e experimental. A diferença entre a pintura e a escultura para José Gil, é o “espaço paradoxal”, pois a escultura cria um “movimento que à partida é inexistente na própria obra” (Sousa et al., 2006). Deste modo, artistas como Sol LeWitt, Walter De Maria, Eva Hesse, Bruce Nauman, Robert Smithson, Richard Serra, Donald Judd e Dan Flavin. Estes procuraram tirar partido dos conceitos envolventes da corrente de modo a criar arte a partir da rigidez e industrialização. Muitas das obras que eram apresentadas eram caracterizadas pela “(...)iconografia, a estrutura, a situação no espaço, a técnica, os materiais, a escala, o volume ou o funcionamento semântico.” (Sequeira, 2012).

O minimalismo introduziu uma nova linguagem para que se pudesse ver objectos (ou não objectos) artísticos ao mover o seu conteúdo a partir de ligações e significados fora da sua própria fisicalidade, ou mais especificamente, para o espaço de exposição em que são colocados haja uma ligação entre esse espaço, o objecto, e o espectador que o está a visualizar (Sequeira, 2012). Esta necessidade de se situar num só local e num suporte tradicional estava desactualizado, os artistas transgrediram o tradicional e concentraram-se nas esculturas bidimensionais ou tridimensionais (Oliveira, 2009).

Tendo em conta que esta vertente surgiu após a Segunda Guerra Mundial, muitos foram os escultores que acabaram por se moldar às “matérias primas nobres”(Oliveira, 2009), recorrendo assim ao acrílico, latão, aço, ferro, madeira, fibra de vidro, tijolos, plásticos e até lâmpadas (Oliveira, 2009) .

De acordo com os ideais corrente teóricos como Donald Judd, discordavam em relação à “subjetividade e expressividade do modernismo americano pós guerra”⁸ (Wolff, 2005), mas de acordo com a observação de Ann Goldstein para o jornal “Sage Journals” esta afirma que “um objecto auto-referencial situado no espaço físico e temporal que engaja um espectador

⁸“(…) subjectivity and expressiveness of postwar American modernism(…)” (Wolff, 2005) - Traduzido em DeepL Translate

auto-reflexivo”⁹ (Wolff, 2005). Os artistas Donald Judd, Dan Flavin e Sol LeWitt foram as que mais se destacaram pelas suas imprescindíveis esculturas (Batchelor, 2000).

O percurso de Donald Judd nas artes plásticas começou em 1963, inicialmente como pintor, e futuramente como escultor dentro da arte minimalista. As obras do artista baseiam-se em dar tridimensionalidade às obras a partir da geometria, da cor e da forma. No site da fundação do artista, estão apresentadas imagens da sua primeira exposição individual na Green Gallery em Nova York, na qual é demonstrado na figura 4 (Bellamy, n.d.). Anos mais tarde, em 1998, a revista “The New York Times” escreveu que “A Green Gallery foi uma das mais importantes exposições de arte de vanguarda durante a explosão artística americana do início da década de 1960.”¹⁰



Figura 4. Primeira exposição de Donald Judd na Green Gallery, 1963 (Bellamy, n.d.)

Também em 1963, o escultor Dan Flavin, construiu a obra “Tubos fluorescentes e metal”(Figura 5) com o objetivo de ter um padrão, ou melhor uma “ordem, simplicidade e harmonia”¹¹(TATE, 2022), com base nas cores e formas dos tubos . Essa estrutura foi realizada com sucesso graças à geometrização simples (retilínea) que estes tubos foram construídos .(História Da Arte – Arquitetura, Pintura, Escultura, Artes Gráficas E Design., 2012)

⁹ “(...) conception as a self referential object situated in physical and temporal space that engages a self-reflexive spectator.” (Wolff, 2005)- Traduzido em DeepL Translate

¹⁰ “Green Gallery was one of the most important showcases of avant-garde art during the American art explosion of the early 1960’s.”(Bellamy, n.d.)- Traduzido em DeepL Translate

¹¹ “ order, simplicity and harmony” (TATE, 2022)- Traduzido em DeepL Translate

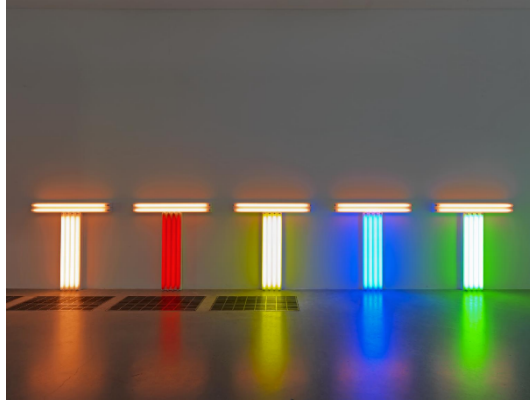


Figura 5. Tubos fluorescentes e metal, Dan Flavin 1933–1996, 1220 × 1220 mm (Flavin, 2022)

Um outro grande influenciador foi o escultor e pintor Sol LeWitt, pelas suas construções geométricas compostas maioritariamente por elementos cúbicos ou derivações do cubo. Na figura 6, é apresentada a obra “Dois cubos modulares abertos/half-off”¹² como exemplo da sua escultura. O artista afirma que "a característica mais interessante do cubo é que ele é relativamente desinteressante(...)", deste modo convidava indiretamente o observador a imaginar que outras formas este elemento poderia originar.



Figura 6. “Dois cubos modulares abertos/half-off”, Sol LeWitt 1928-2007, 1600 × 3054 × 2330 mm
(*Two Open Modular Cubes/Half-Off*, Sol LeWitt, 1972 | Tate, n.d.)

Em termo de conclusão, quase em paralelo entre a pintura e a escultura, estas duas artes plásticas seguiram orientações semelhantes em relação aos elementos que as caracterizavam. Ao

¹² “Two Open Modular Cubes/Half-Off” (“Two Open Modular Cubes/Half-Off”, Sol LeWitt, 1972 | Tate, n.d.)- Traduzido em DeepL Translate

envolver-se numa nova percepção artística, é necessário expressar oposição ao trabalho anterior - não porque qualquer coisa feita anteriormente seja intrinsecamente má, mas sim porque existe um certo nível de mal-estar em relação ao passado. Ao terminar a teoria da imitação, que dá significado apenas às formas, corta a relação entre uma peça de arte e o ideal de representação, provocando uma crise que servirá de catalisador para o desenvolvimento de novas dinâmicas estéticas, percepções e questões que formarão o fundamento do movimento em direcção à teoria e à prática da arte (Judd, 2017).

1.4 Minimalismo na música

Em 1968, um dos maiores compositores, Michael Nyman, definiu que o conceito minimalismo deveria de ser denominado pelo termo “Minimal Music” (Shelley, 2013). Esta alteração deveu-se a uma composição de dez minutos, que o dinamarquês Henning Christiansen criou em conjunto com outras peças de Charlotte Moorman e Nam June Paik, no Instituto de Artes Contemporâneas em Londres (Shelley, 2013). Anos mais tarde, em 1974, o compositor começou a adaptar o seu conceito musical ao termo "minimalismo", pois essa fase apenas foi um período de música experimental (Nyman, 1999).

Em torno deste estilo, surgiram vários compositores e músicos cruciais, nomeadamente - La Monte Young, Terry Riley, Steve Reich, Philip Glass, Júlio Eastman e John Adams. Esta produção musical tinha por base algumas características como a repetição difundida nos trechos ou na letra, pequenas variações através de grandes períodos de tempo, a forma como os tons constantes eram executados durante um longo tempo e uma música mais hipnótica- o que se ouve em algumas músicas eletrônicas que estejam dentro deste movimento minimalista.

A utilização da expressão “hipnótico” utilizada por Tom Johnson é referente a uma coluna acerca de Philip Glass na qual este utilizou as palavras “rico e sensual”¹³ (Johnson, 1972) para descrever a palavra utilizada. Esta utilização do termo, deve-se aos “(...) órgãos e outros instrumentos são tão bem misturados que por vezes é difícil dizer que instrumento está a tocar o quê”¹⁴ (Johnson, 1972).

O compositor e pianista Philip Morris Glass, foi um dos mais influentes artistas do movimento minimalista. Glass teve uma vida sempre ligada à música onde teve o privilégio de conhecer Steve Reich na Julliard School of Music, onde exploram em conjunto este meio artístico. O artista, durante esse percurso inspirou-se por La Monte Young, após uma atuação dele, este afirmou que “Achei espantoso que qualquer pessoa o fizesse. Isso foi muito

¹³ “rich and sensual” (Johnson, 1972) - Traduzido em DeepL Translate

¹⁴ “(...)organs and other instruments are so well blended that it is sometimes difficult to tell which instrument is playing what”(Johnson, 1972) - Traduzido em DeepL Translate

avant-garde para mim aos vinte e três anos de idade. Fiquei chocado com isso e lembrei-me disso.”¹⁵ (Force, 2004).

No início da sua carreira, o violinista desvinculou-se da filosofia de Reich e criou a sua própria técnica musical minimalista, caracterizada por uma estrutura repetitiva e um ritmo mais diversificado. As primeiras obras do artista foram exemplo disso, tal como “Strung Out” (1967), (uma música acentuada pelo violino solo amplificado), “1+1”(1968) e “Two Pages”(1968) (caracterizadas por ter um método mais rigoroso e direcionado para o processo auditivo) (Shelley, 2013).

O músico Kyle Gann, caracterizava este estilo sendo uma “(...)mutilação da música para um público incapaz de compreender algo mais complicado”¹⁶(VanEenoo, 2011), contudo, o grande defensor de Glass, o compositor Wes York descreveu ser uma “ sofisticação e nuance da música primitiva” (Shelley, 2013).

Mais tarde, por volta de 1971 até 1974, Philip Glass compôs a “Music in Twelve Parts”. Esta peça foi uma das mais significativas da vida profissional do compositor, pois transmitia todos os ensinamentos até então adquiridos, assim como técnicas composicionais novas, de modo a dar ao ouvinte um maior estase (Force, 2004). O título dado a esta peça referia-se originalmente “(...)às linhas instrumentais individuais.”¹⁷(Force, 2004).

Para além de Glass, também se destaca um dos ícones do minimalismo, o compositor Steve Reich (Casa da Música, n.d.). Este Nova Iorquino, em 1974 escreveu o álbum “Música para 18 músicos”¹⁸ (Reich, 1976), o que foi considerado um dos melhores álbuns da década de 60, pelo facto de “combinar elementos mecânicos com elementos orgânicos” (RTP_ ANTENA 3, 2018) (Figura 7).

¹⁵ “I thought it was amazing that anybody would do that. That was very avant-garde to me at the age of twenty-three. I was shocked by it and I remembered it” (Force, 2004)- Traduzido em DeepL Translate

¹⁶ “(...)condemned as being a dumbing down of music for a public incapable of understanding anything more complicated.”(VanEenoo, 2011)- Traduzido em DeepL Translate

¹⁷ “ (...)individual instrumental lines”(Force, 2004)- Traduzido em DeepL Translate

¹⁸ “Music For 18 Musicians” - Traduzido em DeepL Translate



Figura 7. Music For 18 Musicians, Steve Reich, 1978 (RTP_ ANTENA 3, 2018)

Finalmente, decidiu-se escolher um compositor diferente dos anteriores, o compositor La Monte Young. O músico foi considerado um dos impulsionadores deste movimento e um revolucionário. O próprio descreve que a sua insurreição passou de “ordinal” para “cardeal”, pois “implicava a possibilidade da organização dos valores cardeais, tanto no que diz respeito a quantas frequências são concorrentes”¹⁹ (Potter, 2002).

Nas suas composições, as divergências mais notórias são a “sua crescente dependência de notas sustentadas” e “a sua escolha do vocabulário interválico” (Droste, 1998). Um exemplo das composições de Young's é o “Trio para Cordas”²⁰, uma peça de 1958 que conta com elementos de corda como o violino, viola e violoncelo. Esta encontra-se dividida entre a técnica dodecafônica de Arnold Schoenberg e os trabalhos de Anton Webern (Potter, 2002).

Após apresentar as características do movimento minimalismo direcionado para a música e as pessoas que fortemente influenciaram este movimento, o autor Keith Potter apresenta a sua definição este estilo:

“O verdadeiro minimalismo musical destes anos é colocado no contexto mais amplo da sua produção musical como um todo, e considerado dentro das condições culturais de um período que viu não só o aumento do minimalismo nas belas artes, mas também mudanças

¹⁹ “implied the possibility of the organization of the cardinal values both in regard to how many frequencies are concurrent (...)” (Potter, 2022) - Traduzido em DeepL Translate

²⁰ “Trio for Strings” - Traduzido em DeepL Translate

cruciais na teoria e prática da composição musical na tradição cultivada no Ocidente.”²¹

(Potter, 2002)

²¹ “ The true musical minimalism of these years is placed in the wider context of their musical output as a whole, and considered within the cultural conditions of a period which saw not only the rise of minimalism in the fine arts but also crucial changes in the theory and practice of musical composition in the Western cultivated tradition.”(Potter, 2002) - Traduzido em DeepL Translate

1.5 Minimalismo na arquitetura de interiores

Antes de um produto ou espaço ser fabricado e vendido, o papel do designer envolve pensar na forma como o processo de construção ou idealização será desenvolvido, tendo em conta as necessidades que lhe apresentam. O minimalismo trouxe ao longo do tempo muitos estímulos à criatividade arquitetónica. Este exercício mental que os arquitetos precisaram de ter, deu asas a espaços acolhedores e interessantes para lugares simples (Gonçalves, 2013).

Esta vertente minimalista arquitetónica, nem sempre foi bem recebida, contudo conseguiu alcançar um destaque junto às outras tendências, pois “o que antes era austero, simples ou sóbrio hoje é minimalista ou minimal, utilizando o feliz termo anglosaxónico” (Zabalbeascoa & Marcos, 2015, p.6). Para que este conceito fosse avante, foi necessário remover todo o esplendor contemporâneo e procurar uma maior ligação entre a natureza e o essencial, de modo que a arquitetura minimalista conseguisse superar em relação à sua antecessora (Bertoni, 2002).

De arquitetura minimalista, quando numa obra existem elementos que são considerados essenciais considerando a sua descomplicação de espaço, ou seja, pureza em relação aos excessos que surgem tanto externa quanto internamente (Castillo, 2004). O arquiteto austríaco Adolf Loos, afirmou no artigo “Ornamentos e crime”²², que os “ornamentos deviam ser considerados crime” (Loos, 2006). Atendendo a este pensamento, ao longo dos projectos modernistas, foi-se verificando que houve uma redução no ornamento e materialização do que já existia no exterior, transpassando assim para o interior. Pode-se constatar em exemplos práticos das casas atuais, que as pessoas começaram a preferir um espaço amplo ao ponto de haver só na sua habitação elementos “essenciais”, tal como as paredes. Este exemplo em particular é uma amostra de como é o exterior influenciou o interior pelo facto de haver uma necessidade das pessoas interagirem (PAWSON, John; op.cit.; p.7).

Os espaços vão se adaptando às diferentes formas na arquitetura de interiores na qual muitas vezes é demonstrada não só pelas estruturas simples como também pela aplicação de cores neutras e materiais uniformes (Zabalbeascoa & Marcos, 2015, p.25). Assim, o estilo é muitas vezes analisado e predominantemente definido pelas cores absolutamente suaves e elegantes, considerando a tendência e a estética do espaço. Esta paleta de cores restringe-se ao branco, preto, cinzento e alguns tons neutros, mas relacionando-se sempre à claridade que um

²² “Ornament and crime” (Loos, 2006) - Traduzido em DeepL Translate

espaço faz transparecer a partir da luz incidida, seja natural ou artificial. A presença de misturas de cores vibrantes, faz com que o ambiente perca o conceito principal do minimalismo e espaço mínimo. Ao trazer a calma das cores suaves à composição de todo o ambiente, cada objeto tem como objetivo de ser visualizado com facilidade e destacar-se pelo seu propósito. Esta apresentação pode ser diferenciada por áreas, podendo ser estas: sala, quarto, cozinha, casa de banho, entre outros espaços (Cilumbriello et al., 2018).

A caracterização deste tipo de arquitetura, é muitas vezes demonstrada num espaço pelas formas simples como a simetria entre as paredes e até mesmo entre o chão e o teto. Esta harmonia surge simplesmente pela sua geometrização, pela elaboração toda envolvente e pelos materiais utilizados nas superfícies. (Oliveira, 2009) Ao separar-se da lógica figurativa e monumental desta forma, a arquitectura procura criar formas abstratas num local, utilizando novos materiais como o alumínio, o betão, a pedra, o vidro e técnicas da construção. (PAWSON, John; op.cit.; p.7)

Para além desta componente dos materiais, os espaços, quando são pensados consoante a zona das casas, devem também antever o tipo de mobiliário que se adequa às instalações. Num espaço é preciso haver harmonia e coerência entre os objectos mobiliários e toda a casa de modo a transmitir alguma "regularidade física e visual"(Zabalbeascoa & Marcos, 2015, p.25). Este equilíbrio na habitação é essencial para que haja um sentimento de paz quando alguém está nela, pois a atenção no pormenor deixa o espaço “respirar por si mesmo” (Bertoni, 2002).

Desde o início do século XX, que questões arquitetónicas relacionadas com o minimalismo, tal como o equipamento de um espaço e o interior doméstico, foram estudadas com mais profundidade (Mendes, 2020). Esta vertente diferencia-se, pelo facto de existir uma consciência maior por parte da organização que se cria, de modo a dar o mesmo conceito ao espaço, uma vez que, tal como Mies Van der Rohe afirma “Menos é Mais” definindo-a para uma “ética modernista” (Phaidon, 2014). Esta expressão do arquiteto, deu asas à imaginação de outros designers e arquitetos das mais variadas áreas pelo facto de haver uma “exaltação à arte de viver com o mínimo” (Gurgel, 2020).

Desde os anos noventa até ao presente, muitas mudanças ocorreram no âmbito do design e da arquitetura, em relação ao minimalismo (Bertoni, 2002), mas houve três hipóteses de gênese que se realçaram mais. Essas conjunturas são: “Minimalismo como objeção aos excessos dos anos oitenta, mas como objeção nega as contribuições feitas antes dele”; “Minimalismo causado

pela crise económica, a arquitetura oferece novos modelos de sobriedade, simplicidade e equilíbrio, mas oposição como antes”; e para terminar o “Minimalismo como um período de retrocesso.” Estes pressupostos foram gerados devido à demanda de categorizar este tipo de arquitetura (Bertoni, 2002, p.24).

De facto, muitos dos processos utilizados pelos minimalistas estão ligados ao contexto social e cultural da revolução industrial e a sua transição do campo para a cidade, dando assim ausência de ornamentos e um maior uso aos materiais primários e pouco trabalhados, como se pode evidenciar nas instalações de Tony Smith. De acordo com Peter Collins (2015), este afirma ao contrário do que Le Corbusier e Mies Van der Rohe defendem, que a “ideia de pureza deveria ter uma forte presença estética” (Zabalbeascoa & Marcos, 2015, p.57) e não dar tanta exigência à função.

Um dos exemplos práticos do arquiteto Mies Van der Rohe, é a capela S. R. Crown Hall, datada em 1956 e situada na zona sudoeste do campus do IIT, em Chicago (Santos, 2016) (Figura 8). Com este projecto o arquitecto pretendeu demonstrar que:

“com muita frequência pensamos a arquitectura em termos espetaculares. Não há nada espetacular na capela: pretende ser simples, e de facto, é simples. Porém, apesar da sua simplicidade, ela não é primitiva, senão nobre; e na sua reduzida dimensão radica a sua grandeza, realmente monumental.”, indo de encontro à sua máxima “menos é mais”.

(Zabalbeascoa & Marcos, 2015)



Figura 8. Capela S. R. Crown Hall, Mies Van der Rohe, 1956 (Santos, 2016)

Tal como a Capela de Mies Van der Rohe, outro bom exemplo é a Igreja da Luz na cidade de Ibaraki Kasugaoka planeada pelo famoso arquiteto japonês Tadao Ando (Ando, n.d.). Apesar de o edifício não ter os formatos ou os materiais usuais de uma igreja típica cristã, a mensagem não deixa de ser passada para os católicos, pois está uma cruz iluminada, como simbolismo da luz de Cristo. (Figura 9)



Figura 9. Ibaraki Kasugaoka Church, Tadao Ando (Igreja da Luz)

Atualmente muitos dos arquitetos têm usado características arquitetônicas do minimalismo para construir a sua habitação. Um caso para descrever estas aplicações é a Villa da Galeria Karuizawa, arquitetada por Makoto Yamaguchi (Figura 10) (Zaxarov, 2020). Esta habitação de Makoto Yamaguchi, é o perfeito exemplo de uma arquitetura moderna no que toca à habitação minimalista. Neste tipo de habitação existe uma sensação mais límpida de espaço devido à ausência das divisões, das cores naturais e suaves que atravessam as divisórias e das grandes janelas, que permitem um contacto maior com a natureza.

Para além destas características arquitetônicas interiores, é de realçar que durante a década de sessenta, os arquitetos minimalistas, nomeadamente o Tadao Ando, criou uma ligação entre o interior e o exterior ao ponto de expandir a visão para a natureza. Foi com a ajuda dos artesãos japoneses tradicionais, que essa ligação conseguiu coexistir pois, estes têm a habilidade de simplificar os detalhes para efeitos de harmonia. Considerando o estilo de arquitetura e a procura por este conceito, o arquiteto afirmou que a “arquitetura deve conter espaços vivenciais que conduzam para um desenvolvimento físico e psicológico do Homem” (Bertoni, 2002, p.11).



Figura 10. Compilação de fotos da Villa, Galeria Karuizawa, Makoto Yamaguchi Design Inc. (Home, n.d.)

Um outro exemplo, mas desta vez em Portugal é o caso bastante conhecido é a obra Pavilhão de Portugal da Expo '98, de Siza Vieira. Esta construção situa-se junto ao Tejo em Lisboa, na zona do Parque das Nações. (Figura 11) O edifício é constituído por três planos horizontais, na qual a do meio é feita de betão leve, mas dando uma ideia que é uma folha sobre dois edifícios em cada uma das laterais. Esses dois edifícios são compostos por pedra calcária branca e no seu interior por azulejos coloridos. Ao seu redor e dando a sua harmonia, encontra-se oliveiras e o rio Tejo como espelho da sua elegância (Oliveira, 2009).



Figura 11. Pavilhão de Portugal da Expo '98, Siza Vieira, 1997-1998 (*Pavilhão De Portugal* | *ULisboa*, n.d.)

Finalizando, com a arquitetura minimalista da atualidade, o arquiteto Alberto Campo Baeza, em 2005, projetou a casa DBJC HOUSE, junto à beira-mar em Cádiz, com o intuito de transmitir a simplicidade. (Figura 12) Este espaço tal como o exemplo acima mencionado, este apresenta semelhanças de arquitetura, na qual a horizontalidade é o que predomina nesta construção. A casa é constituída por três lajes de betão paralelas ao mar, na qual a primeira, a que se encontra mais próxima da zona de entrada, dos serviços, a segunda é para os quartos e restantes divisões e a última a zona de habitação principal. À semelhança de projectos como os do Tadao Ando concebeu, Baeza identificou, também uma necessidade de reassumir uma homogeneidade conjunta entre a natureza e a casa, colocando grandes janelas de vidro como substituição das paredes de betão ou pedra calcária clara como é encontrado no chão. Com esta opção o indivíduo que nela habita, tem em toda a casa luz direta e natural. No piso superior consegue-se verificar que existem telas de madeira em toda a sua área. (2005 DBJC HOUSE, Cádiz, 2005)



Figura 12. Vista exterior de DBJC House, Alberto Campo Baeza, 2005 (2005 DBJC HOUSE, Cádiz, 2005)

1.6 O minimalismo como filosofia de vida

Neste último capítulo é essencial examinar a compreensão do conceito do minimalismo não é apenas necessária mas também útil. Quando se trata do surgimento do minimalismo como filosofia de vida, é crucial abordar a sociedade industrializada, com a mudança da produção tradicional para a produção industrial, devido às preocupações com o capitalismo.

O minimalismo surgiu como uma resposta à mentalidade ocidental do consumo. Nesse cenário, a produção rapidamente se tornou superprodução, necessitando de novos equipamentos para motivar as pessoas a comprar produtos excedentes. É aí que entra a publicidade, cujo poder de persuasão visa fazer com que o público compre produtos que, em muitos casos, nem precisa. Tendo em conta esta última afirmação, a sociedade, permeada de valores consumistas, é como uma fábrica cheia de necessidades inúteis (Rathour & Mankame, 2021).

Assim sendo, esta necessidade de adquirir coisas inúteis é descrita como “obrigatório, insípido, pernicioso, impulsivo, sem foco, mal orientado” e não desejado (Millburn & Nicodemus, 2011). Como tal, um fator distintivo da filosofia de vida e “consumo minimalista é a diferenciação entre necessidades e caprichos e impulsos” (Millburn & Nicodemus, 2011). Apesar da crescente prevalência do minimalismo como filosofia de vida e o seu impacto sobre o consumo, este é ainda um conceito de difícil definição, carecendo de uma revisão aprofundada da literatura académica. Inevitavelmente, esta filosofia de vida apela à redução de bens porque o excesso é tomado como padrão (Mamede, 2021).

Esse princípio minimalista é apresentado como um mecanismo teórico útil que apoia uma percepção distinta do mínimo. Esta perspectiva cria um ponto de vista que permite analisar a simplicidade dos conceitos em todas as suas manifestações artísticas. Viver com o menor número possível de bens materialistas pode ser definido como um estilo de vida minimalista, ou seja, uma forma de expressão artística (Quadri, 2021). Anna Vázquez (2014), afirma que:

"O minimalismo deve ser entendido como uma estratégia de pensamento, uma forma de conceptualizar a vida e de a tornar arte. O termo tem sido tão desvalorizado e mal aplicado que é uma pena ver que tudo é minimalista só porque tem uma pobreza conceptual e material. A base dos seus ensinamentos deve ser retomada, para se

conseguir a máxima expressividade através de uma expressão mínima.”

(Vázquez, 2014)

No passado mais extremo, foi proposto viver com apenas cem coisas dentro de uma habitação. Atualmente o que é mais praticado dentro desse conceito é a adaptação voluntária da simplicidade no quotidiano. Uma das principais críticas ao minimalismo é sua abordagem subjetiva para definir regras de estilo de vida. Após a época mais intensa foi-se discutindo entre autores e artistas as suas diferentes visões sobre o estilo de vida minimalista que as pessoas têm. Esta forma de viver, profundamente influenciado pelo minimalismo, não há como limitar-se a um determinado conjunto de regras (Quadri, 2021).

Contudo, e de acordo com o artigo de Mir Habeebullah Quadri, este afirma que este estilo de vida é amplamente baseado em variadíssimos comportamentos extraídos de estudos realizados para a investigação desse artigo. Listagem essa que se concentra maioritariamente “nos impactos psicológicos do materialismo” (Quadri, 2021), tal como:

“Declarando a sua vida, livrando-se de qualquer posse material desnecessária; Conservar os seus ganhos e gastá-los em coisas que acrescentam sentido e propósito à sua vida; Removendo distrações para que se possa concentrar em atividades que tenham significado; Reduzir a sobrecarga de decisões através da redução voluntária de escolhas; Concentrar-se mais nas relações e ter orgulho na igualdade social em vez de pertences materiais; Praticar a contemplação para se tornar mais estável emocionalmente e centrado no seu processo de decisão; Encontrar paz e tranquilidade no que a natureza proporciona, em vez de procurar constantemente a melhoria do seu ambiente; Aprender a viver, fora da sua zona de conforto, para o tornar mais formidável quando confrontado com a adversidade; Reduzir a depressão, a ansiedade e o

fenómeno FOMO (medo de falhar); Praticar o autocuidado.”²³

(Quadri, 2021)

²³ “Decluttering your life by getting rid of any unnecessary material possession. 2. Conserving your earnings and spending it on things that add meaning and purpose to your life. 3. Removing distractions so you can focus on activities that meaningful. 4. Reducing decision overload by voluntary reduction of choices. 5. Focusing more on relationships and taking pride in social equality instead of material belongings. 6. Practicing contemplation to become more emotionally stable and centered in your decision-making process. 7. Finding peace and tranquility in what nature provides instead of constantly pursuing the betterment of your surroundings. 8. Learning to live out of your comfort zone to make you more formidable when faced with adversity. 9. Reducing depression, anxiety and the FOMO (fear of missing out) phenomenon. 10. Practicing self-care.” (Quadri, 2021)
Traduzido em DeepL Translate

Parte II - O minimalismo no Design de Interiores

Desde o final do século XX até aos dias de hoje, o minimalismo tem estado muito presente nas suas diferentes áreas do design, em particular no design de interiores.

Este capítulo está dividido em quatro partes, na qual as duas primeiras têm como objectivo demonstrar, a partir de duas inspirações diferentes, como é que o minimalismo pode coexistir num espaço em que as raízes culturais e o design são diferentes. A primeira influência é o Wabi Sabi, um conceito de design de interiores japonês e o segundo é o Hygge, um conceito de design de interiores Dinamarquês. No terceiro subcapítulo são descritas algumas características gerais dentro de uma habitação, tal como a organização explicada por Marie Kondo, a cor, o mobiliário e a iluminação. E por último é apresentado nas diferentes divisões de uma casa, a aplicação do minimalismo seguindo as inspirações descritas e as características gerais referidas.

2.1 Influência Japonesa

Uma das inspirações para este tipo de decoração minimalista, é a decoração japonesa. Ao longo dos anos esta cultura foi se modificando consoante as práticas e o estilo de vida de cada indivíduo. Contudo, no que toca ao design de interiores, as alterações foram poucas, pois a base dos conceitos de habitação não se alterou desde os anos cinquenta. De acordo com a embaixada do Japão no Brasil, estes afirmam que “A maneira como os japoneses veem o interior e o exterior da casa é outro aspecto central do design tradicional. Ao invés de entender o interior e o exterior como dois ambientes distintos, eles são pensados como elementos contínuos.” (Embaixada do Japão no Brasil, n.d.).

Em consonância com a cultura japonesa, houve uma necessidade de colocar dentro de um espaço os conceitos que esta civilização defende e aplica no seu quotidiano. Um dos conceitos mais utilizados até ao dia de hoje é o Wabi Sabi. A ideia que está por detrás deste nome adveio do auto-isolamento imposto pelo Japão no século XIV, durante o Sakoku²⁴. Considerando esse confinamento, foi possível apreciar a beleza que existia na natureza e o património espiritual que se praticava. O significado destas duas palavras, Wabi Sabi, tem por base a sensibilização perante a materialidade, a noção e a susceptibilidade diante da ideologia Zen. Apesar destas duas palavras se apresentarem numa uniformidade de ideias, quando se encontram separadas, o seu significado muda ligeiramente de perspectiva (Lee, 2022).

Wabi apresenta um carácter pessoal e subjetivo, na qual a satisfação advém das características mais simples e da aprovação da impermanência. A pessoa que se guiar dentro deste conceito, deverá admirar a natureza e trazer para dentro da sua vida um sentido de plenitude e paz, nos mais pequenos aspectos encontrados ao seu redor (Lee, 2022).

Sabi é o que extrapola e objetiva. De acordo com o autor do livro *Wabi-Sabi for Artists, Designers, Poets & Philosophers*, o conceito descreve-se como “murcho e envelhecido” (Koren, 2008, p.23). A contemplação pela harmonia é encontrada através do empobrecimento, da solidão e da necessidade de um indivíduo aceitar esta condição de pobreza. É a partir destas características que o Wabi funde-se com o Sabi, pois existe uma necessidade de “apreciar a

²⁴ Sakoku- era a política de relações exteriores do Japão, promulgada pelo xogunato Tokugawa através de uma série de éditos e políticas de 1633-39, sob as quais severas restrições foram impostas à entrada de estrangeiros no Japão e os japoneses foram proibidos de deixar o país sem especial permissão (História Do Japão Antigo - Do período Edo à Restauração Meiji, 2018)

pobreza, para aceitar tudo o que é dado, é necessário uma mente tranquila e passiva” (Suzuki, 1959, p.284).

Assim sendo, o Wabi Sabi admite que não existe um ideal de perfeição, nem efemeridade, apenas necessidade para contemplar as coisas mais simples, considerando a estética que a rodeia. Esta apreciação pela imperfeição é adquirida lentamente e não no seu apogeu (Lee, 2022).

Transpondo este conceito para o design de interiores, o sentimento que é gerado num espaço em que Wabi Sabi é praticado é de simplicidade, desapego e humildade. Esta prática tem por base a liberdade espiritual, pois existe um grande desinteresse pela materialização dos objetos e uma grande procura pela natureza na apreciação das coisas mais simples. Este tipo de filosofia, vai ao encontro das crenças do Budismo (Lee, 2022).

O designer de interiores belga, Axel Vervoordt é um dos exemplos da aplicação do conceito Wabi Sabi, nos seus projectos ao longo da sua carreira mundial. A intenção em trabalhar esta ideia oriental, surgiu de uma visita ao Japão na década de 70. Ao tomar conhecimento, tentou nas suas obras explorar a simplicidade e a beleza retratada na imperfeição. Como se pode verificar em alguns dos seus projectos, o designer, tentava instituir dentro de um espaço, elementos artísticos dos variadíssimos séculos e zonas geográficas.

Para aprofundar neste conceito, Vervoordt aliou-se ao arquiteto japonês Tatsuro Miki, para melhor entender o termo e chegar à conclusão que os seus projectos “abraçando a essência dos materiais e valorizando a interacção humana quotidiana. As qualidades [que são] as mais Wabi- simplicidade, humildade, pureza, nobreza sem sofisticação, e a beleza da imperfeição e incompletude”²⁵ (Gardner & Vervoordt, 2017, pag. 230).

Para melhor entender o conceito Wabi Sabi, o designer belga e o arquiteto japonês, conceberam no “The Greenwich Hotel, a TriBeCa Penthouse”, com o intuito de melhor explorarem o conceito Wabi com a inquietude da cidade de Manhattan (Netto, 2014). A TriBeCa Penthouse tem três quartos, quatro lareiras, uma cozinha e jardins ao redor da casa nos dois andares. Como se pode verificar a partir da figura 13, os materiais utilizados vão ao encontro do conceito Wabi, em que a imperfeição e a crueza dos mesmos, resultam de uma simplicidade rústica.

²⁵ “(...) embracing the essence of materials and valuing everyday human interaction. The qualities [that are] the most Wabi - simplicity, humility, purity, nobility without sophistication, and the beauty of imperfection and incompleteness.” (Gardner & Vervoordt, 2017, pag. 230)



Figura 13. Parte 1- Compilação de fotografias da TriBeCa Penthouse do Hotel Greenwich
(The TriBeCa Penthouse, n.d.)

Em toda a casa é utilizado pedra, madeira e aço, com o intuito de trazer intemporalidade aos espaços (The TriBeCa Penthouse, n.d.). Entre cada divisão é possível verificar, que existe uma necessidade por parte do designer de reutilizar objetos e de lhes dar uma nova vida. De acordo com Vervoordt, "O século XX foi um período de fazer e deitar fora e fazer de novo... Hoje já não há espaço para deitar fora e não há florestas suficientes para destruir para madeira nova" (...), deste modo "O século XXI é um período de recuperação. Temos de reutilizar o que já é utilizado..." (Netto, 2014).

No quarto é possível evidenciar que a cabeceira da cama atual, foi em tempos um tampo de mesa de noogueira do século XIX, na lareira da sala de estar "A grelha de ferro de fogo foi feita a partir de cabides de viga utilizados na estrutura original do Museu do Louvre"²⁶ (The TriBeCa Penthouse, n.d.). (Figura 14)



Figura 14. Parte 2- Compilação de fotografias da TriBeCa Penthouse do Hotel Greenwich
(The TriBeCa Penthouse, n.d.)

²⁶ "The iron fire grate has been made from joist hangers utilized in the original structure of the Louvre Museum" (The TriBeCa Penthouse, n.d.).

A ponte que os artistas fizeram neste projecto de Nova York, foi algo dificilmente alcançável, pelo facto de colocarem nos diferentes espaços, características diferenciadoras do Japão, desde cabanas, aldeias japonesas a castelos. Este tipo de referência é importante para que um indivíduo, se sinta na sua plenitude, como se estivesse no Japão. A maneira como os materiais estão dispostos e como estão tratados, dá esta ideia anteriormente referida de longevidade, como se pode verificar na madeira gasta, nas paredes irregulares ou até mesmo na cozinha modestamente pequena como uma cabana (Netto, 2014). Tal como o designer belga afirma, “We want to express a TriBeCa character in the most humble way. Because the architecture is so simple, it belongs as much to the past as to the future.” (The TriBeCa Penthouse, n.d.).

Esta sensibilidade, dá uma nova visão ao Wabi no que toca à imperfeição do espaço e à humildade que este é caracterizado (The TriBeCa Penthouse, n.d.). Como se pode verificar a partir deste projecto, o Wabi Sabi dá espaço para que um designer ou arquitecto crie sem problemas de imaginação ou perfeição do espaço. Apenas tem de se aceitar a beleza, o objecto no espaço e temporalidade que é criada ao seu redor. Esta estética utilizada, está inserida numa vertente mais espiritual e Zen, de modo que uma pessoa se sinta relaxada e calma, quando frequenta um espaço destes. O belga Vervoordt, acredita que "um aspecto chave do wabi é o efeito que um espaçamento bem delineado tem sobre o bem-estar psicológico de um ocupante " (Netto, 2014).

Em suma, este conceito do Wabi Sabi aplicado aos dias de hoje, com maior ênfase no design de interiores, apresenta uma maior aceitação dos objectos em relação ao tempo e espaço que este se insere. Esta estética tem uma forte importância como fonte de influência da procura da beleza no imperfeito e na simplicidade do minimalismo aplicado nos espaços interiores.

2.2 Influência Nórdica

Na Europa, o minimalismo também teve um forte impacto. Com maior expressividade nas regiões nórdicas, incluindo a Dinamarca, a Islândia e a Noruega, as questões sobre o minimalismo foram analisadas numa vertente ligeiramente diferente à anteriormente descrita. A Dinamarca, como muitos sabem, é considerada um dos países mais felizes do mundo, segundo a Organização das Nações Unidas e o relatório do “The World Happiness Report” em 2022. (Happiness, Benevolence, and Trust During COVID-19 and Beyond | The World Happiness Report, 2022). Tal facto provém de uma avaliação, de sete características, sendo duas o estilo de vida e o bem-estar de cada indivíduo. Os países Nórdicos estão situados no hemisfério norte onde a duração do inverno é imperante e, por isso, da concentração de massas frias resulta na pouca exposição solar e consequentemente nas baixas temperaturas, por norma, abaixo de zero. Como tal, estes habitantes procuraram encontrar um modo de vida mais aconchegante e leve. Assim sendo, é relevante levantar a questão: como é que é possível os dinamarqueses serem tão felizes, se passam tanto tempo dentro de habitações? Isso deve-se ao conceito Hygge, o sentimento nacional da Dinamarca (Howell & Sundberg, 2015).

Este conceito tem um forte impacto nos costumes e no estilo de vida dos dinamarqueses, refletindo-se assim nas suas casas e espaços que mais frequentam, tal como nos cafés. A aplicação deste conceito nos espaços, procura trazer uma calma e um sentimento mais intimista, como se tratasse de um local familiar. Para isso, há elementos-chave característicos deste estilo que funcionam como uma composição, tal como a madeira, as velas, as plantas, as texturas macias e a luz natural. Esta conjugação de elementos, fez com que o autor Meik Wiking, escreve-se segundo a sua visão, o livro “The Little Book of Hygge: Danish Secrets to Happy Living”, sobre o que é o conceito Hygge como forma de guia, de modo a que todos os leitores apliquem na sua vida este conceito dinamarquês (Visão | Sabe O Que é O 'Hygge', O Segredo Dinamarquês Para a Felicidade?, 2017).

Segundo o dinamarquês Wiking, um espaço é considerado Hygge quando este segue as cinco regras dos sentidos: audição, paladar, olfato, tato e a visão. Considerando que a aplicação desta ideia acontece em países nórdicos, a questão sonora é um bom complemento, pois é através de sons como da chuva a cair no exterior ou da lenha a queimar na lareira, que alguém se sente mais aconchegado. O paladar tem tudo a haver com a comida familiar, ou melhor, tudo aquilo que nos remete para o aconchego gustativo de casa, seja por um chá, bolo ou um prato mais

reconfortante. O olfato é um sentido que advém dos cheiros como o da comida ou algo que nos faz remeter para a infância dando um sentimento mais nostálgico. Este culminar de cheiros traz a um indivíduo tranquilidade e segurança, no ambiente. Convém evidenciar que o tato é também importante, pois ele através do aspecto é o que mais dá sentido ao conceito Hygge. É possível ser identificado a partir dos materiais aplicados no espaço como a madeira, a cerâmica, a lã, a pele e o couro. Tudo o que remete a materiais quentes e crus são uma mais valia para o conceito. Há quem diga que a visão come, e neste caso não é exceção. Todo o ambiente que é originado a partir destes quatro sentidos anteriormente referidos, faz com que o olho fique preenchido de tanta satisfação e aconchego (Visão | Sabe O Que é O 'Hygge', O Segredo Dinamarquês Para a Felicidade?, 2017).

Para um entendimento mais objetivo de como funciona este conceito num espaço, o café CUB Coffee Bar, no centro de Copenhaga, é o melhor exemplo. Como se pode verificar a partir da figura 15, existe um sentimento de conforto envolvente no ambiente, criado por objetos familiares, tonalidades quentes e pessoas. Nessa mesma compilação fotográfica, é observado um padrão em que todos estes indivíduos parecem estar nas suas casas, no seu conforto, seja a socializar ou a ler acompanhadas/os por uma bebida. Esta perceção intimista, que é retratada por três fotografias, é o perfeito exemplo do que o conceito Hygge pretende significar.



Figura 15. Parte 1- Compilação de fotografias do CUB Coffee Bar, na Dinamarca
(CUB Coffee Bar, 2020)

Para além do envolvimento cultural e social que estes espaços proporcionam, da arquitetura e a decoração que está envolvida, torna o local com mais significado para quem lá entra. Existem várias características referidas anteriormente que comprovam este estado de espírito, Hygge. O ambiente criado pela iluminação é algo importante, pois é com base nela que

é originada a calma visual e o relaxamento (Jensen et al., 2018). Considerando que nestes países nórdicos existe pouca duração solar, todo o sol que entra numa habitação é bem vindo. Como se pode verificar na figura 15 e 16, existe uma necessidade de haver janelas grandes para que entre a máxima luz natural possível. Caso não haja a suficiente, a iluminação interna utilizada tem como objetivo igualar e criar uma atmosfera acolhedora a partir de lâmpadas de cor amarela ou velas (Jensen et al., 2018). Esta combinação das duas iluminações torna o ambiente mais aconchegante e relaxante.



Figura 16. Parte 2- Compilação de fotografias do espaço no CUB Coffee Bar, na Dinamarca (CUB Coffee Bar, 2020)

Para além destas características identificadoras de um espaço Hygge, algo que é possível notar neste café é a organização de espaço e a forma doméstica como os objetos estão dispostos. Nada está colocado com um intuito de venda ou desejo de compra pelo consumidor, apenas está arrumado com uma casa estaria (Świątek, 2017). Este visual descontraído e familiar, trouxe a muitos europeus uma outra visão sobre o modo sobre a maneira como os cafés poderiam passar esse sentimento. Deste modo, alguns locais na Europa têm vindo a aplicar este conceito com o intuito de trazer mais conforto aos espaços e unir mais as comunidades por meio da socialização (Świątek, 2017). Apesar de os cafés serem um exemplo, nas habitações, também é possível criar este tipo de atmosfera, seja numa sala de estar ou cozinha, sítios estes que são tradicionalmente mais conhecidos por conseguir reunir o grande número de pessoas. Este conceito como se pode evidenciar, pode ser aplicado em qualquer local ou estação do ano, o que importa é que seja bem utilizado e retirado dele o melhor proveito.

O conceito dinamarquês apresenta alguns pontos a favor e outros contra uma atitude minimalista, contudo estes conseguem coexistir no mesmo espaço. Em termos decorativos, o

minimalismo não compactua com o acumular desnecessário de objetos como velas, muitas mantas ou outro tipo de objectos que façam trazer ao espaço um lugar mais aconchegante. Já o Hygge não consegue ser apresentado em locais, em que sejam muito crus ou simples de mais, pois não existe o sentimento pretendido. Embora estes dois conceitos tenham um objetivo em comum - que é a tranquilidade num espaço, estes por vezes têm de encontrar um meio de correlação para que o espaço funcione. Assim sendo, aqui balança-se a qualidade sobre a quantidade, unindo a valorização de uma casa simples pela união social das pessoas e de objectos que a tornem familiar (How Minimalism And Hygge Make A Cosy Home, 2021).

2.3 Características Gerais

Os designers de interiores a partir das arquiteturas minimalistas, tentaram transpor para dentro da habitação, todas as características que definissem um espaço minimalista. De modo a alcançar esse objetivo, estes teriam de colocar dentro de um espaço interior o essencial ou elementos que apresentassem um efeito de plenitude máxima (Wijaya, 2017). Assim sendo, um espaço interior caracterizado como minimalista, apresenta características agradáveis, simples e de geometria linear, de modo a transmitir uma percepção de intemporalidade (Stouhi, 2022). Esses elementos chave são o que melhor caracterizam um espaço de interiores num contexto mais geral. Considerando estes componentes e aprofundando-os mais ao detalhe, os elementos que melhor o definem um espaço interior minimalista, são a aplicação das cores neutras, as formas geométricas básicas, a textura e a conjugação de materiais naturais.

2.3.1 Organização Minimalista

Dentro do minimalismo, a organização num espaço é um dos tópicos principais para este conceito tão importante. O ser humano tem um hábito tendencioso de acumular objetos dentro da sua casa ou outro espaço, na esperança de um dia sejam usados ou simplesmente porque tem um significado nostálgico. Na perspectiva minimalista, este tipo de opção não é de todo viável numa habitação.

Deste modo, é necessário um processo de despojamento de objetos e de acordo com Millburn e Nicodemus os melhores métodos a aplicar são: retirar todos os dias um objeto de casa, durante trinta dias, e o outro, é colocar em caixas todos os objetos da habitação, catalogados, e só retirar o que for necessário usar. Tanto num caso como noutro, o desapego aos objetos está a ser aplicado ao ponto de só usar, o que é essencial para o dia a dia (Nicodemus & Millburn, 2021). A experiência de um minimalista, quando passa por um processo de desapego ao que se entende por dispensável no cotidiano, procura muitas vezes, viver com o melhor, mesmo que seja mais caro, pois a qualidade predomina neste tipo de atitude. Assim sendo, havendo qualidade, a necessidade de adquirir várias peças diminui. Caso seja necessário possuir algo que não tenha e precise, o site *Instructables* orienta, quem o quiser fazer, a criar a partir de objectos que já tenha ou até mesmo fazer de raiz, a peça que pretende ter. Dessa forma o indivíduo passa a ser um criador e não um consumidor.

Para além desta opção de organização minimalista, a consultora e organizadora japonesa, Marie Kondo apresentou no seu livro “The Life-Changing Magic of Tidying Up”, o método KonMari com intuito de trazer mais fluidez aos espaços, minimizando os objectos num local de habitação. A partir deste método, Kondo tem como objetivo ensinar e cativar as pessoas a arrumarem a sua casa de uma maneira sistemática e diária, sem que se assemelhe a uma tarefa enfadonha e obrigatório, mas sim algo descontraído e normal no seu dia a dia. (About the KonMari Method – KonMari | The Official Website of Marie Kondo, n.d.)

Para que seja colocado em prática este método, é essencial seguirem seis regras importantes

1. Comprometa-se a arrumar;
2. Imagine o seu estilo de vida ideal;

3. Termine de despojar primeiro. Antes de se livrar dos objectos, agradecer sinceramente a cada peça por servir ao seu propósito;
4. Arrume por categoria, não por localização;
5. Seguir a ordem correta;
6. Perguntar a si mesmo, se isso desperta alegria.

Estes seis passos são importantes para que haja uma transição da desordem para a organização minimalista. Atualmente pessoas de todas as partes do mundo têm procurado ajuda e interesse por esta maneira de pensar, pela sua eficácia que tem trazido para as suas habitações, como também para o seu cotidiano (About the KonMari Method – KonMari | The Official Website of Marie Kondo, n.d.). Em 2019 e 2021, a Netflix passou duas séries na qual é mostrada a aplicação do seu método em casos reais, na qual as pessoas pedem ajuda para que haja uma organização na casa. Tal como a Marie Kondo afirma, "A vida realmente só começa depois que você coloca sua casa em ordem." (About the KonMari Method – KonMari | The Official Website of Marie Kondo, n.d.)

2.3.2 Cor

Dentro de um espaço em que são apresentadas características minimalistas, a escolha da cor é bastante relevante, pelo facto de ser a primeira coisa que se vê quando se entra num local. Anteriormente, foram descritos nos casos influenciadores e no minimalismo na arte que as cores predominantemente utilizadas eram cores neutras e principalmente monocromáticas. Como se pode denotar, as cores são simples, remetendo para os brancos, cores ligadas à natureza, cores de tonalidade pastel ou até mesmo cores com alguns brilhantes (Brager, 2020). Estas cores utilizadas têm como objetivo criar um ambiente calmo, descontraído, mas não interferindo com estilo moderno que esta possa ter (Zhang, 2016).

Na figura 17 é apresentado um exemplo desta mesma aplicação num projecto concebido pela empresa Jota Barbosa, num apartamento em Oeiras. Como se pode evidenciar, a utilização cromática aplicada nesta sala está muito em volta dos tons creme e suaves, nomeadamente: branco, bege, castanho, preto e um pouco de verde para contrastar (Apartamento Oeiras, n.d.). Tal como a empresa descreve: “O principal foco era fazer sobressair as peças de design no espaço, mantendo uma paleta de cores suave e neutras como fundo.” (Apartamento Oeiras, n.d.).



Figura 17. Aplicação de cores minimalista na sala de um apartamento em Oeiras
(*Apartamento Oeiras*, n.d.)

2.3.3 Mobiliário

Os designers pretendiam com este tipo de mobiliário trabalhar com novos materiais com materiais simples, conceber objetos a partir de uma moldagem funcional e que fosse algo ergonomicamente confortável mas com um custo reduzido (Kuang & Zhang, 2017).

O mobiliário que é utilizado dentro de um espaço, tal como numa divisão de uma casa ou num café é importante ser escolhido com o intuito de criar uma atmosfera. Dentro do minimalismo esta preocupação é maior, pois a partir do sentido estético e funcional é que se consegue perceber se os objectos se encontram realmente dentro do conceito.

Considerando que uma peça de mobiliário costuma ter grandes dimensões, é preciso saber conjuga-la de modo a não abafar o espaço e deixando-a assim com corredores largos entre os objectos para que seja fácil de circular (Ramstedt, 2020). Como se pode verificar na figura 18, a empresa Jota Barbosa, na Moradia Boavista conseguiu criar uma sala segundo uma “aura minimalista e elementar, com contornos elegantes” (Moradia Boavista, n.d.).



Figura 18. Apresentação da sala na Moradia Boavista
(Moradia Boavista, 2021)

Como é possível evidenciar nesta sala, existe harmonia e coerência de modo que o utilizador se sinta pleno e calmo quando entra numa divisão destas. Duas coisas também importantes são a organização dos objectos e não o compromisso emocional que eles trazem. O facto do mobiliário minimalista, ter esta característica em haver espaços para respirar entre

objectos, permite que seja possível retirar algo ou mudar mesmo de sítio, sem que se perca a essência (Ramstedt, 2020). Algo que é preciso realçar dentro do mobiliário são os materiais. Nas influências anteriores apresentadas conseguiu-se perceber que os melhores materiais e os mais nobres são os mais requisitados, e no minimalismo não é excepção.

Na figura 19, são evidenciados nos diferentes mobiliários a escolha do material, as texturas e as cores aplicadas. Em relação ao material e neste projecto em questão, tem havido uma maior atenção para os materiais sustentáveis e pouco trabalhados. Na primeira imagem está um cadeirão rotativo com base a noqueira americana, na segunda é apresentado um aparador de madeira com um estilo mais nórdico com tons mais escuros, feita esta de madeira e por último uma cadeira mais de “linhas simples e confortável”, estofada com um material suave. Como já referido, a paleta de cores tem na sua constituição cores neutras como o bege, preto, branco e castanho, cores estas, modernas e intemporais. Esta utilização de materiais e escolha de cor faz com que um ambiente seja mais harmonioso assumindo o pretendido ambiente de características minimalistas (Kuang & Zhang, 2017).



Figura 19. Aplicação de diferentes materiais no mobiliário na sala de uma Moradia Boavista (Moradia Boavista, 2021)

Este género de materiais que nos remetem para a natureza, têm o poder de afetar a criatividade de um indivíduo para algo mais construtivo e de criar uma ilusão do espaço em relação ao seu ambiente (Ceylan et al., 2008). Quando é aplicado e utilizado estes materiais, um

indivíduo tem a percepção de que quem frequenta esse espaço é alguém que tem “profissionalismo, sucesso, honestidade, cuidado e criatividade” (Brager, 2020).

2.3.4 Iluminação

Comparando com outros estilos, a opção minimalista consegue desconstruir a complexidade da decoração de um espaço e torná-la mais leve e simples. Como se pode verificar a partir de vários exemplos é possível evidenciar que existe uma linguagem única que dá a cada indivíduo uma sensação visual e espiritual diferente dos outros estilos (Kuang & Zhang, 2017)

Dentro da categoria de iluminação, estas sensações conseguem ser mais facilmente sentidas. A luz, seja ela natural ou artificial, é algo relevante para um espaço de características minimalistas. De acordo com Kuang e Zhang (2017), os designers minimalistas têm preferência em trabalhar com luz natural, do que com a luz artificial, pois existe uma conexão maior com a luz que advém do exterior do que a do interior. Contudo, a luz artificial não é imprescindível, pois quando a luz exterior é escassa existe necessidade de a compensar interiormente. As tonalidades mais usadas dentro de um espaço por norma são de cores frias e claras, de modo a não interferir nas cores envolventes dos objectos e das paredes (Kuang & Zhang, 2017).

Num ambiente tipicamente minimalista é possível verificar que existem muitas janelas, senão duas ou três mas com uma grande dimensão. Em mais um projecto da empresa Jota Barbosa, é possível evidenciar na figura 20, “Uma vista serena e cómoda” (Loja Boutique Foz I, 2022) na sala de entrada da Loja Boutique Foz I, a partir da iluminação natural que esta proporciona.



Figura 20. Apresentação da entrada da Loja Boutique Foz I (Loja Boutique Foz I, 2022)

Na figura 21, no projecto anteriormente referido do Apartamento de Oeiras, denota-se a simplicidade da iluminação interior no redor do teto da sala e do candeeiro suspenso oval que se apresenta por cima da mesa de jantar. A aplicação deste género de iluminação veio a sublinhar a ideia de luzes discretas. Como se pode verificar nestes dois projectos, a estética nórdica, Hygge, também se encontra fortemente aplicada.



Figura 21. Compilação de fotografias da sala do Apartamento Oeiras (*Apartamento Oeiras*, 2022)

2.4 Divisões de uma Habitação

Quando um designer planeia decorar um espaço, terá de ter em conta o seu público alvo para quem irá fazer o projecto e que divisões que irá trabalhar. Assim sendo, é necessário saber envolver os hábitos de um indivíduo e trabalhar sobre o conceito pretendido, de modo a envolver no ambiente um espaço em que se sinta seguro e em “casa”. Para que tal aconteça requer-se que sejam levantadas as medidas do espaço e planeadas, a partir de esquemas e desenhos, a funcionalidade que o local tem em relação ao mobiliário e sua ergonomia (Zhang, 2016). Posteriormente, é necessário perceber como dar destaque às peças mais importantes de cada divisão sem que haja objectos desnecessários ao seu redor (Becker, 2018). Este processo de depuração pode ser aplicado numa habitação nas suas diferentes áreas. Deste modo, neste tópico ir-se-á abordar como é que o conceito atua nas diferentes zonas de uma habitação -sala, cozinha, quarto, casa de banho, exterior- considerando os seus principais tópicos.

2.4.1 Sala

A sala é o espaço principal da casa, cujo impacto visual apresenta quais os gostos de quem lá habita assim como o seu estilo de vida. Assim sendo, há questões a ter em consideração quando se planeia decorar um espaço como este. Quando se inicia a decoração de uma sala com características minimalistas, convém fazer as seguintes questões: é útil colocar aquele mobiliário ou objetos no espaço? Existe espaço suficiente para as pessoas estarem confortável? Há pouca luz natural? (Becker, 2018).

Nesta área, o mobiliário que normalmente é mais central, é o sofá e, de acordo com Frida Ramstedt (2020), é necessário que à sua volta exista espaço para que as restantes peças possam “respirar”. A escolha de um sofá para a zona de estar, implica várias preocupações a ter em conta, nomeadamente questões ergonómicas, de tamanho ou até mesmo de cor, contudo não há um sofá ideal para o interior de uma casa de características minimalistas pois irá sempre depender do espaço em que se está a trabalhar. Muitas vezes é utilizado um tapete por debaixo do sofá de maneira incorreta. O ideal será um tapete suficientemente grande que sobressaia em volta do sofá e do mobiliário que esteja à sua volta, tal como uma mesa de apoio ou outros móveis (Ramstedt, 2020). Na figura 22, é demonstrado um exemplo do projeto minimalista do arquiteto Nildo José, em relação à harmonia descrita entre o tapete e o sofá.



Figura 22. Sala de estar do projecto do arquiteto Nildo José
(*Projetos Residenciais*, 2023)

Considerando, que a sala é o espaço onde as pessoas mais integram e tem o primeiro impacto, a iluminação, mais uma vez, faz toda a diferença no espaço. Numa casa minimalista a

preferência como já foi referida em “3.3.4 Iluminação”, é da iluminação natural, contudo, a segunda opção são as luzes interiores fixas, de tonalidade clara e fria.

No que toca às decorações secundárias, recomenda-se que se retirem todos os objetos dispostos em superfícies lisas ou paredes. Deste modo, a pessoa quando voltar a colocar só irá introduzi-los se fizer sentido (Becker, 2018). Para este processo, o ideal será utilizar o método de organização da Marie Kondo.

As estantes colocadas nas zonas de estar têm o objetivo de suportar nas suas prateleiras objectos que são importantes e à mão de serem retirados, sejam estes decorativos ou não. Esta tipologia de mobiliário tem uma forte tendência para acumular livros, objetos decorativos e fotografias (Becker, 2018). De acordo com os ideais minimalistas e das individualidades que os seguem este tipo de objectos numa estante pode acontecer mas não com excessos (Becker, 2018). Como tal, de maneira a fazer uma seleção do que é necessário do que é excedente, o método KonMari, pode ser utilizado para eleger o que vai para a estante. Na figura 23 é apresentada uma organização típica minimalista numa estante do arquiteto Nildo José.



Figura 23. Estante da sala de estar do projecto do arquiteto Nildo José (Projetos Residenciais, 2023)

Para além deste mobiliário, um aspecto visual não visto muitas vezes numa casa de expressão minimalista, são molduras ou peças penduradas na parede (Becker, 2018). Para muitas

das pessoas faz sentido colocar, se houver alguma conotação sentimental, caso contrário só está a contradizer o conceito ali aplicado.

Numa sala onde existam CDs ou consolas de videojogos, por norma estes equipamentos estão à vista de todos (Becker, 2018). Tal como estes aparelhos eletrónicos, existe algo que deve ser lembrado que são os cabos elétricos (Night, 2013). No contexto da estética minimalista, a melhor opção seria ocultar estes objectos de forma discreta e adequada com a decoração existente, seja em móveis, gavetas ou rodapés (Becker, 2018). Os aspectos mencionados são algumas das maneiras para tornar uma sala de estar mais organizada numa estética minimalista.

2.4.2 Cozinha

A segunda área mais importante de uma casa é a cozinha, pelo facto de ser um espaço de união familiar. Há uma espécie de ritual no dia a dia das famílias, onde a confraternização de partilhar momentos engraçados, importantes ou até tristes (Becker, 2018). Estes costumes na cozinha fazem parte da vida das pessoas há muitos anos e têm-se vindo a afirmar cada vez mais, pelo facto de ser um espaço simples e útil (Becker, 2018). Com o aparecimento da atitude minimalista, esta zona tem se modificado pré-existentes. Joshua Becker (2018), afirma que existe algo reconfortante e entusiasmante quando se vê uma cozinha arrumada e limpa. Este sentimento de satisfação plena, tem sido promovido cada vez mais por conceitos associados ao minimalismo (Becker, 2018). Para que isso aconteça é preciso que haja um cuidado diário, uma vez que a cozinha geralmente se situa num sítio de passagem (Becker, 2018).

Como se sabe, nem todas as cozinhas são iguais, pois estas vão-se diferenciando segundo a cultura e da zona geográfica onde cada indivíduo está inserido. Apesar dessas condicionantes, muitas delas têm pelo menos três eletrodomésticos em comum: o forno ou a placa a gás, o lavatório e o frigorífico (Ramstedt, 2020). Os restantes equipamentos que possam existir, são excessos muitas vezes impulsionados por profissionais de marketing que tentam convencer de que é necessário na nossa rotina aquele produto (Becker, 2018). Quando um indivíduo se deixa levar por isso é o pior erro, pois começa a acumular inúmeros eletrodomésticos que só terão utilização uma ou duas vezes (Becker, 2018). Antes de começar a colecionar objectos desnecessários questione-se primeiro: será que preciso mesmo disto? Se sim, quantas utilizações é que darei? Onde irei colocá-lo? Estas questões fazem questionar a devida importância para a sua vida. Na figura 24 e 25, o Chef Mark Bittman apresenta à New York Times, um artigo chamado "A No-Frills Kitchen Still Cooks", com o propósito de mostrar às pessoas que é possível só com quinze objectos cozinhar pratos dignos de um profissional. (Bittman, 2007). Ao longo do artigo o Chef salientou que uma cozinha “Precisa apenas ser funcional, não prestigiosa, luxuosa ou cara.”



Figura 24. Proposta do Chef Mark Bittman (Bittman, 2007)

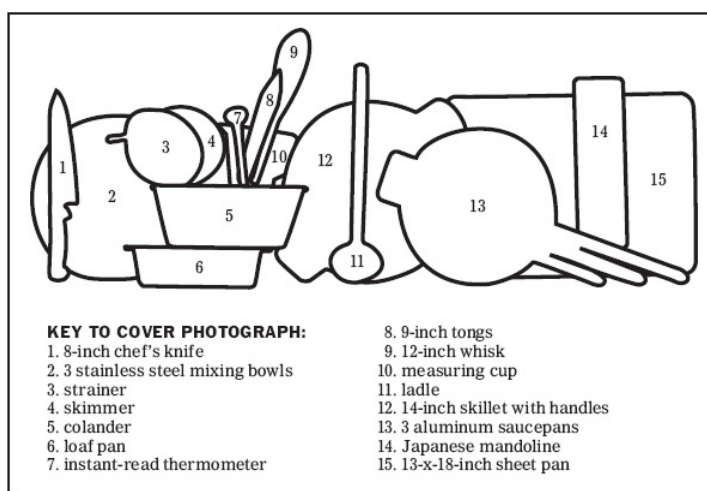


Figura 25. Proposta legendada do Chef Mark Bittman (BITTMAN, 2013)

Para além do excesso de objectos, que possam existir numa cozinha a organização dos mesmo, é algo que se deve ter em atenção. Deste modo, o indivíduo deverá destinar todos os artigos para seu devido espaço, tal como os talheres e utensílios para as gavetas, os pratos e os copos para os armários e os pequenos aparelhos para dentro da despensa (Becker, 2018). Esta primeira triagem de organização é importante para impor ordem na cozinha. Falando em organização, dois dos sítios mais importantes para estar a comida organizada são a despensa e o frigorífico (Becker, 2018). Nestes dois compartimentos, tudo deverá estar ordenado de trás para a frente, na qual a frente é referente aos alimentos a serem comidos primeiro e os de trás são os que têm a data mais longa para serem consumidos. Depois arrumam-se por setores. Para que esta organização se mantenha, todos os dias terá de haver uma atenção em relação a elas.

De acordo com as características do minimalismo, a alimentação e pequenos electrodomésticos não devem estar expostos, deverão sim estar dentro de móveis (Becker, 2018). Como se pode verificar na figura 26, o arquiteto Filipe Saraiva minimizou a zona e colocou

todos os objectos necessários dentro de três armários. O primeiro armário à esquerda mais conhecido por ilha, tem uma placa de indução, um lavatório e quatro gavetas. No lado direito, está um armário cujos compartimentos deverão ser direcionados para a despensa. E por fim ao topo está embutido no armário um forno, um micro-ondas e um frigorífico. Esta disposição é um exemplo perfeito de uma cozinha típica minimalista. Um elemento primordial que é a mesa das refeições, esta apresenta-se entre a sala e a cozinha, pois é um elemento de união entre estes dois sítios de convívio.



Figura 26. Disposição da cozinha do projeto do arquiteto Filipe Saraiva (*Casa Em Ourém*, 2019)

2.4.3 Quarto

O quarto é uma área da habitação pela qual se prestigia o ato de descansar, sendo que se destina a uma zona de dormir. Seguindo a ideologia minimalista, é importante perceber como se pode tornar este ambiente num espaço mais organizado, limpo e calmo. A configuração não requer propriamente a existência abundante de mobiliário, apenas os essenciais para responder às necessidades. Assim, é indispensável a cama, um armário para a roupa e a mesinha de cabeceira. Na figura 27, é perceptível evidenciar uma organização do espaço segundo as medidas necessárias para circular dentro de um quarto.

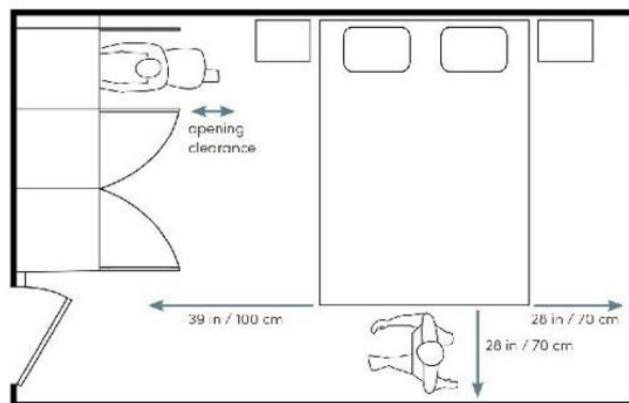


Figura 27. Organização de espaço segundo a ergonomia (Ramstedt, 2020)

A iluminação dentro de um quarto irá depender do modo como os móveis estão distribuídos e de que maneira a entrada de luz natural é suficiente. Quando não é possível haver luz natural no espaço, o ideal será colocar candeeiros nas mesas de cabeceira para dar um ambiente calmo à noite (Ramstedt, 2020). Outra ideia de aplicação, é embutir na parede e no tecto luzes simples e discretas, de modo a transmitir uma atmosfera sóbria no espaço. Na suíte da "Moradia Cantanhede" verifica-se que estas características de luzes tipicamente minimalistas estão apresentadas na figura 28, pela empresa Jota Barbosa (Moradia Cantanhede, 2022). Outros dois modos de trazer um ambiente calmo ao espaço e de comodidade, é colocar cortinas de tonalidade branca, que vão do teto até ao chão e um tapete grande que ultrapasse as suas margens (Ramstedt, 2020). (Figura 28)



Figura 28. Suíte minimalista e sóbria (Moradia Cantanhede, 2022)

Atualmente, existe cada vez mais uma preocupação quanto ao interior de um quarto e como este é preenchido, nomeadamente a importância implícita de uma cama. Para além de fazer a sua função, atualmente também funciona para armazenar artigos debaixo dela, como colocar roupa, lençóis ou outros artigos de roupa mais volumosos (Night, 2013). Este espaço é perfeito para colocar todos os excessos que se tenha no quarto e que não são diariamente usados. Para que haja uma melhor organização, estes artigos deverão estar dentro de caixas de arrumação (Figura 29) ou sacos de vácuo (Night, 2013).



Figura 29. VARÖ - Caixa de arrumação p/cama, branco, 65x70 (VARÖ White, Bed Storage Box, 65x70 Cm, n.d.)

Paralelamente à arrumação da cama, outro móvel indispensável, são os armários da roupa ou gavetas. Estes sítios têm tendência para acumular roupa desnecessária e encher até não haver mais espaço (Night, 2013). Deste modo, para começar a fazer uma transição dentro do minimalismo, a melhor opção para reorganizar estas peças de roupa é usando o método de Marie Kondo. Depois de ter feito a filtragem deve-se manter o hábito diário de dobrar ou pendurar a roupa e assegurar-se de que a colocou no sítio certo (Night, 2013). Para além da roupa, existem artigos nas mesinhas de cabeceira, prateleiras, paredes e até cômodos que são desnecessários lá estar. Assim sendo, o melhor será minimizar os artigos que estejam em excesso e apenas deixar os essenciais e os que remetem para memórias felizes (Becker, 2018).

A roupa amontoada nas costas de uma cadeira, num bengaleiro ou até mesmo por cima da cama, dá um aspecto de desorganização. Para que isso não aconteça, o melhor é colocar num sítio discreto do quarto, um cesto de roupa suja, deste modo a roupa não ficará acumulada ou desarrumada e terá um destino mais direto (Night, 2013). Algo a evitar num quarto é comer dentro dele (Night, 2013). Muitas vezes cria-se esse hábito pelo facto da pessoa se sentir mais confortável ou indolente, mas de maneira a quebrar este ciclo deve-se impor algumas regras, sendo a primeira de: não levar para o quarto qualquer tipo de alimento. Ben Night (2013), afirma que para deixar um quarto arrumado, elegante e limpo, apenas precisará de cinco minutos para

arrumá-lo. Sendo que esse tempo é dedicado a fazer a cama, arejar o quarto, remover qualquer lixo que haja, arrumar alguma roupa e limpar o quarto.

2.4.4 Casa de Banho

Quando se pensa numa casa de banho, muitas pessoas têm uma ideia simples e prática, mas na realidade é bem difícil mantê-la arrumada e limpa. Independentemente do tamanho que ela terá, há elementos que são obrigatórios, tal como um duche ou banheira, um lavatório e uma sanita.

Esta zona apresenta uma grande tendência para "coleccionar" nos seus armários peças desnecessárias, tal como amostras grátis de produtos variados, sabonetes, shampoo, condicionador, óleos, velas ou até toucas (Becker, 2018). Muitos destes objectos não são regularmente utilizados e acabam por se tornar desnecessários ou inutilizáveis (Night, 2013). Deste modo, o primeiro passo a fazer para tornar uma casa de banho de características minimalistas, é retirar todos os seus objectos e peças de mobiliário (Night, 2013). De seguida, limpar a fundo todas as superfícies e cantos. Por último, será questionada: que produtos realmente uso? e será que estas peças fazem sentido cá estarem? Dessa forma será possível perceber, que tipo de artigos deverão ser colocados e os que devem ser deitados fora ou doados (Night, 2013). Após feita a seleção minuciosa, uma ótima maneira para arrumar este tipo de artigos é colocá-los dentro de bolsas etiquetadas segundo o seu grupo de artigos, desta maneira será mais fácil organizar e retirar as peças sem que estejam todas espalhadas (Night, 2013). Caso haja possibilidade, deve-se colocar dentro de um armário por baixo do lavatório todas estas bolsas, caso não seja possível, o melhor será arranjar uma estante vertical para ocupar menos espaço (Night, 2013). Já na zona do lavatório, o ideal será colocar o mínimo de coisas possíveis e apenas deixar o sabonete e um copo para a escova de dentes. Como se pode verificar na figura 30, a empresa Jota Barbosa na “Moradia Tomar”, aplicou esta recomendação neste projecto da casa de banho.

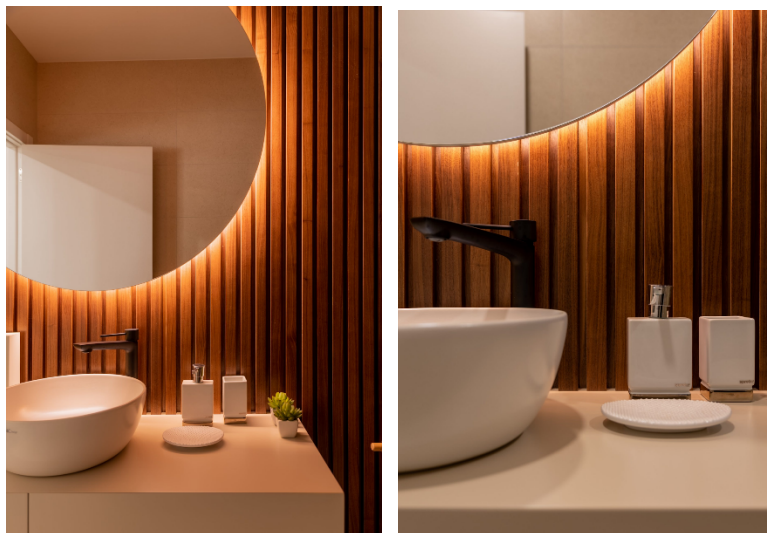


Figura 30. Compilação de imagens do lavatório da Moradia Tomar (Moradia Tomar, 2022)

Pormenorizadamente, a área do duche ou da banheira são sítios perfeitos para colocar tudo o que seja possível de artigos considerados desnecessários. A melhor opção para essa zona é colocar inserido na parede uma prateleira vertical para todos os produtos de banho necessários, sem que haja repetição (Night, 2013). No caso da toalha de mãos ou do banho, pode-se colocar em ganchos que estejam nas paredes ou por de trás das portas, deste modo as peças estarão sempre à mão e dentro do local (Night, 2013). Se não ficar esteticamente apelativo, a outra opção é colocar por debaixo do lavatório ou na estante vertical (Night, 2013). Existe uma atenção redobrada com a sustentabilidade do seu meio envolvente, e no caso da sanita muitos optam pela opção dois em um, em que o lavatório está inserido na zona de descarga da sanita. Desta maneira existe uma poupança de água e redução de espaço. Na figura 31, é possível verificar que a empresa Roca Design Centre conseguiu conceber o modelo W+W de modo a dar resposta a uma imagem depurada ao minimalismo e à sustentabilidade (Lavatório E Sanita Numa única Peça? Adira à Revolução W+W, n.d.).



Figura 31. Compilação de imagens do modelo W+W da Roca Design Centre (Lavatório E Sanita Numa única Peça? Adira à Revolução W+W, n.d.)

A questão da humidade de uma casa de banho é um factor preocupante. Assim sendo, caso haja possibilidade o melhor é haver janelas. Ao aplicar as janelas neste espaço, a iluminação que irá entrar durante o dia será toda natural, caso não haja a melhor opção é colocar sobre o espelho uma luz de tonalidade fria. Para finalizar, deixar a casa de banho organizada e limpa, logo após a sua utilização, seria um dos passos a dar para a manter o mais arrumada possível. Desta forma o utilizador não se preocupava constantemente com a sua limpeza. Assim, não irá correr o risco de estar constantemente a preocupar-se (Night, 2013).

2.4.5 Exterior

Numa habitação, nem todas as pessoas têm oportunidade de ter uma garagem ou um jardim, uma vez que esta condição depende da habitação que possuem. De modo a perceber como melhorar estas duas áreas, irá apresentar-se os seus problemas mais comuns e dar soluções para os mesmos.

2.4.5.1 Garagem

Nas últimas décadas, cada vez mais famílias têm evidenciado a possibilidade de terem mais do que um meio de deslocação pessoal. Deste modo existe uma tendência para haver mais espaço exterior ou uma garagem maior (Becker, 2018). Para quem tenha uma garagem, esta zona costuma estar associada ao local onde se coloca um automóvel e onde se acumulam objectos que não cabem numa casa ou que estão sem uso. Este espaço para muitos dos minimalistas é difícil de ser organizado e arrumado, pois é tendencioso para amontoar objetos desnecessários (Becker, 2018). Este é um problema difícil de desconstruir pelo facto de estes acharem que um dia poderão precisar dessa peça, o que é um engano. Existe uma grande parte das famílias que ao longo dos anos vão acumulando objectos dos filhos, seja livros, brinquedos, roupa ou mobiliário (Becker, 2018). De modo a haver uma maior organização e desapego, o melhor será reunir a família toda e estabelecer entre todos, limites do que querem nas suas vidas em relação aos objectos (Becker, 2018). Para este processo de organização pode-se aplicar o método de Marie Kondo ou dos minimalistas, Millburn e Nicodemus. Uma garagem para estar dentro do conceito minimalista, terá de parecer espaçosa, com zonas em “livres” e organizada (Becker, 2018).

2.4.5.2 Jardim

Para o caso do jardim, este já não será tão difícil de decorar a nível do minimalismo. Esta zona, tem como objetivo trazer um pouco do ambiente que existe em casa e transformá-lo num espaço tranquilo e relaxante (Becker, 2018). Para quem vive numa moradia, o jardim da frente costuma estar exposto ao público, enquanto na parte de trás está mais destinado para à

privacidade. O jardim de trás destina-se tipicamente à convivência entre familiares ou amigos, para animais de estimação ou um local para se praticar desportos (Becker, 2018).

Como todas as outras divisões esta não é exceção, no que toca a excessos decorativos ou ornamentais. No caso desta divisão a questão visual é muito importante, pois os materiais e as cores aplicadas chamam muito à atenção. Deste modo é preciso haver alguma coerência no espaço. Para que seja transmitido um ambiente calmo e pacífico, é necessário saber como conjugar as plantas que lá forem aplicadas, sejam elas árvores, arbustos ou flores (Becker, 2018). O tipo de móveis e a sua localização também devem ser consideradas. Estes não podem ser em excesso e tem de fazer sentido em relação à estética e ao estilo de vida das pessoas (Becker, 2018). Para quem tem crianças, muitas vezes estes espaços são áreas onde são acumulados muitos brinquedos ou objetos de grandes dimensões, como baloiços, casas de brincar, caixas de areia e bicicletas (Becker, 2018). Apesar destes objetos parecerem importantes, a maior parte das vezes não são assim tão necessários. Assim sendo, deverá passar por um processo de seleção e organização. Na figura 32, é possível verificar que o arquiteto Filipe Saraiva pretendeu criar uma harmonia entre a casa e o jardim.



Figura 32. Compilação de imagens do pátio e do jardim do projecto do arquitecto Filipe Saraiva (Casa Em Ourém, 2019)

2.5 O minimalismo como expressão da contemporaneidade

De acordo com o artigo de Ksey Lloyd e William Pennington, os apoiantes deste movimento alegam que o estilo de vida ligado ao minimalismo traz plenitude e vantagens ao bem-estar de cada indivíduo, contudo, até então não existem estudos que comprovassem a veracidade deste argumento (Lloyd & Pennington, 2020). Apesar de ainda não se confirmar a autenticidade deste pensamento, os minimalistas Millburn e Nicodemus, que têm teorizado sobre este tema, afirmaram, no documentário “The Minimalists: Less Is Now” que “A mensagem do minimalismo é tão poderosa porque compramos compulsivamente as coisas erradas e morremos de fome pelas coisas que realmente interessam” (D'Avella, 2021). Esta opinião, transmitida no documentário, teve como o intuito alertar as pessoas para se focarem no que realmente interessa, de acordo com os seus valores de vida.

Esta chamada de atenção, adveio da necessidade de haver um balanço entre o bem-estar e o consumo descontrolado. Para que se crie esse desapego do materialismo é necessário ter quatro princípios intrínsecos no modo de vida de cada indivíduo:

- Sentimentalismo;
- Despojamento;
- Mais qualidade menos quantidade;
- Criar mais e consumir menos.

Tanto na Europa como nos Estados Unidos, são cada vez mais as pessoas que fazem parte deste movimento. Muitos aderem por questões conscientes e individuais, pois veem uma oportunidade de melhoria de vida, mas outros procedem assim, involuntariamente, por questões relacionadas com as dificuldades económicas (Miguez, 2021). Esta população com mais preocupações económicas, são a geração *Millenials* e não os *baby boomers* (Carvalho, 2022). A vida adulta destes novos jovens, dezoito aos trinta e quatro anos, apresentam uma instabilidade económica pelo facto de haver precariedade dos empregos e taxas de desemprego altas nesta faixa etária. Deste modo, estes tiveram de reavaliar os seus consumos e optar por diferenciar entre o que é essencial e o que não é. A opção de vida minimalista acaba por ser natural, pois

implica uma redução de gastos e uma reorganização financeira (Carvalho, 2022). Para além dessa problemática, esta geração não tem a mesma disponibilidade e modo de vida que há setenta anos, em que a casa precisava de estar sempre limpa, arrumada e mantida, diariamente. Este tipo de predisposição atualmente já não é um dos requisitos diários de um jovem, pois existe um maior interesse em passar a maior parte do tempo fora da sua habitação.

Um indivíduo, para se conseguir integrar na sua totalidade a este movimento, tem de resistir pôr de parte todo o tipo de bombardeamento publicitário à sua volta. Pois, a partir do marketing que atualmente existe, é muito difícil diferenciar o que uma pessoa realmente precisa do que se está a comprar por questões de consumismo ou estatuto. Este género de situações está indiretamente relacionado com o *status* que um indivíduo pretende evidenciar. A partir do momento em que se consegue a sua necessidade, ultrapassa a quantidade de objetos traz felicidade e poderá desenvolver um comportamento minimalista. Outro modo de integração deste movimento é a distância que uma pessoa tem de fazer em relação aos estabelecimentos de grande escala, como um centro comercial. Para que essa mudança aconteça, o indivíduo tem de se mudar para um contexto mais local, de modo a integrar-se numa comunidade mais atenciosa, familiar e que esteja relacionada com temas em comum, de acordo com conceitos minimalistas. (Miguez, 2021) Este tipo de comunidades traz comodidade pelo facto de haver espaços como um supermercado local, um jardim, uma biblioteca e outros espaços de integração social. Havendo estes locais, não existe a necessidade de se dirigir às instituições de grande escala.

Outra grande preocupação dos últimos anos por parte da geração *Millennials* e dos apoiantes do minimalismo, é a sustentabilidade. Seja qual for o campo, têm um propósito comum, que é usar os recursos com consciência e investir na qualidade de um objecto, de modo a ter uma vida mais duradoura. Existem várias formas de viver uma vida ambientalista, como reciclar, reutilizar e fazer compostagem. Mas a melhor forma é reduzir o consumo de maneira consciente e ao máximo, avaliando os materiais à sua função. A sustentabilidade, por meio do minimalismo, permite que cada indivíduo reflita em relação ao modo como se veste e o consumo que está ao seu redor, o modo como se desloca até ao trabalho, onde mora e de que maneira é que se preocupa com o planeta, que partilha com outras pessoas. Por consequência, a partir de manifestações em todo o mundo e outros actos de protesto, estes impulsionadores têm tido como missão, alertar as pessoas para este problema tão atual de modo, a repensar o que podem mudar

no seu quotidiano de maneira consciente (AdobeBlog, 2022). De acordo com o artigo de Deborah Weinswig, “Millennials Go Minimal: The Decluttering Lifestyle Trend That Is Taking Over”, a jornalista afirma que apesar das dificuldades económicas, a geração *Millennials*, procura consumir mais experiências e vivências, do que adquirir bens materiais (Weinswig, 2016). Assim sendo, de uma maneira objetiva, a nova geração é involuntariamente mais minimalista, na sua ligação aos objetos mas menos na vertente imaterial.

O provérbio de Mahatma Gandhi "Viver simplesmente, para que outros possam simplesmente viver" (Rathour & Mankame, 2021), reflete bem o estilo de vida de um minimalista que sabe viver em comunidade. Com este pensamento, Gandhi pretende realçar que viver simples é positivo, tanto para uma pessoa num aspecto individual, como para quem a rodeia. Algo que não se pode descartar é o contexto cultural, que um indivíduo está inserido. Apesar dessa questão ser importante, uma cultura em que o consumismo seja a base, a comunidade fica afetada negativamente (Rathour & Mankame, 2021).

Embora a atitude minimalista da expressão “menos é mais”, retirada da frase que sintetizava o essencial da procura arquitetónica modernista de Mies Van der Rohe, possa parecer aliciante, para a maioria das pessoas, ela vem com uma responsabilidade consciente. Vale a pena lembrar que o minimalismo não é definido por padrões, mas sim por um processo. Este procedimento não é adquirido de um momento para o outro, em que a pessoa decide ter uma atitude minimalista. Existe todo um conjunto de situações que faz isso acontecer, seja pela criação de novos hábitos, pelo seu comportamento em relação ao consumismo ou pela necessidade de ter uma vida mais simples e equilibrada. Deste modo e considerando a geração *Millennials*, o minimalismo veio para ficar, não por opção voluntária, mas por questões de adaptação face à conjuntura economia e ao estilo de vida.

CONCLUSÃO

Estudar o “O minimalismo e a sua influência no design de interiores para o futuro” fez com que fosse possível aprofundar o contexto histórico, artístico e social. Num período em que o tempo parece curto e as distrações são constantes, o papel dos designers tornou-se essencial ao ponto de terem de recorrer ao essencial, para atingir uma comunicação mais ágil e concisa possível.

Neste estudo, foi possível constatar, que houve essa necessidade de simplificação na pintura, escultura, música, arquitetura e no design de interiores. Quando os artistas e designers, aplicam sabiamente os conceitos inerentes ao minimalismo, os resultados das suas obras tornam-se intemporais. Houve oportunidades de verificar que inspirou variadas zonas do mundo, tal como a região nórdica da Europa e do Japão. Nessa análise, constatou-se que estas influências têm como base em comum a riqueza de materiais, a simplicidade, o equilíbrio e a noção de proporção. Assim sendo, reuniram-se as características em mútuo e explorou-se a sua utilização para a melhor organização de um espaço, a cor, o tipo de mobiliário e a iluminação a aplicar. Estas inspirações e características gerais, afunilaram-se numa análise sobre a habitação e suas divisões.

Para além destas características aplicadas ao design e à arte, uma corrente cada vez mais presente é o minimalismo como estilo de vida. A esse conceito, está interligado o consumismo e o desapego. Progredindo desde o início do século XXI até à atualidade, as ideias principais inerentes ao conceito, têm vindo a tornar-se mais populares e intrínsecos na vida das pessoas. Esta corrente tornou-se mais visível e tratada em livros, blog, podcast e em documentários. A generalização e popularização da sua imagem depurada, quer em objetos, quer em espaços de certo modo, ganhou o estatuto de adjetivo. Muitos indivíduos tornam-se minimalistas, devido ao facto de não haver um Planeta B e a sustentabilidade ser o que mais os preocupa. Outros, aderem ao minimalismo por se tratar de uma tendência atual, não passar de moda e ser de fácil adaptação. Apesar de existirem muitos fatores externos, relacionados com a política, a economia e a cultura, a geração *Millenials* tem vindo a sentir que a mudança de estilo de vida precisa de ser adaptada para a simplicidade.

O tema traz muitas questões, mas a principal é: será que o minimalismo estará presente como expressão da contemporaneidade no futuro? Diante dessa pergunta, aliada às mudanças drásticas do consumismo e ao modo de vida das pessoas, consegue-se perceber que, possivelmente, veio para ficar.

Como referido, o movimento artístico nasceu após a Segunda Guerra Mundial e cresceu sendo uma reação ao Modernismo e ao Expressionismo Abstrato da época. Com este movimento os artistas pretendiam criar uma arte considerando o despojamento, dando ênfase ao essencial. Posteriormente e como reação à expressão decorativa pós-moderna, assume relevo a partir das últimas décadas do século XX no design de objetos e espaços. Atualmente, muitos arquitetos e designers de interiores têm feito a transição da frieza para a tranquilidade, de modo a transmitir um estado de calma e serenidade no espaço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

About the KonMari Method – KonMari | The Official Website of Marie Kondo. (n.d.). KonMari.

Retrieved January 7, 2023, from <https://konmari.com/about-the-konmari-method/>

Ando, T. (n.d.). *Tadao Ando Architect & Associates.* 安藤忠雄建築研究所 Tadao Ando.

Retrieved January 14, 2023, from <http://www.tadao-ando.com/>

Apartamento Oeiras. (2022, Janeiro). Jota Barbosa Interiores. Retrieved January 8, 2023, from

<https://jotabarbosa.com/projetos/apartamento-oeiras/>

Baer, J. (n.d.). *Horizontals Flanking, Large, Green Line | The Guggenheim Museums and*

Foundation. Guggenheim Museum. Retrieved January 13, 2023, from

<https://www.guggenheim.org/artwork/294>

Batchelor, D. (2000). *Chromophobia (FOCI).* Reaktion Books.

Becker, J. (2018). *The Minimalist Home: A Room-by-Room Guide to a Decluttered, Refocused*

Life. Crown Publishing Group.

Bellamy, R. (n.d.). *Local History: Donald Judd and Green Gallery.* Judd Foundation.

<https://juddfoundation.org/research/local-history/local-history-donald-judd-green-gallery/>

Bertoni, F. (2002). *Minimalist Architecture.* Birkhauser, Berlim.

Bittman, M. (2007, May 9). *A No-Frills Kitchen Still Cooks.* The New York Times. Retrieved

January 11, 2023, from <https://www.nytimes.com/2007/05/09/dining/09mini.html>

BITTMAN, M. (2013, September 4). *YOU MIGHT FIND YOURSELF — A No-Frills Kitchen*

Still Cooks. YOU MIGHT FIND YOURSELF. Retrieved January 11, 2023, from

<https://www.youmightfindyourself.com/post/60310828657/a-no-frills-kitchen-still-cooks>

- Brager, M. (2020, April 13). *The possible influence of minimalist interior designs in office environments on the creativity of millennials*. University of Twente Student Theses. Retrieved January 8, 2023, from http://essay.utwente.nl/81024/1/Brager_MA_BMS.pdf
- Brager, M. (2020, April 13). *The possible influence of minimalist interior designs in office environments on the creativity of millennials*. University of Twente Student Theses. Retrieved January 8, 2023, from http://essay.utwente.nl/81024/1/Brager_MA_BMS.pdf
- Casa da Música. (n.d.). *Steve Reich*. Casa da Música. Retrieved January 13, 2023, from <https://www.casadamusica.com/artistas-e-obras/compositores/r/reich-steve/#tab=0>
- Casa em Ourém*. (2019, April 26). Espaço de Arquitetura. Retrieved January 12, 2023, from <https://espacodearquitetura.com/projetos/casa-em-ourem/>
- Castillo, E. (n.d.). *Minimalism Design source*. HarperCollins.
- Ceylan, C., Dul, J., & Aytac, S. (2008). Can the Office Environment Stimulate a Manager's Creativity? *Wiley Periodicals, Inc, Vol. 18 (6) 589–602 (2008)*, p. 589–602. 10.1002/hfm.20128
- Cilumbriello, N. P. S., Martins, V. F., Eliseo, M. A., Kawamoto, A. L. S., & Revista Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação. (2018). *Avaliação Heurística e Teste de Usabilidade para Software de Design de Interiores* (Ediç. E17, 90–101 ed.). <https://www.proquest.com/openview/5720c78f2e17a2732a91b614ef77e567/1?pq-origsite=gscholar&cbl=1006393>
- CUB Coffee Bar*. (2020, July 11). Facebook. Retrieved December 22, 2022, from https://www.facebook.com/cubcoffeebar/photos/?ref=page_internal
- Droste, M. (1998). *Bauhaus 1919-1933*. Benedikt Taschen.
- Droste, M. (2002). *Bauhaus, 1919-1933*. Taschen.

- Embaixada do Japão no Brasil. (n.d.). *Arquitetura. Uma Coexistência Harmoniosa de Tradição e Inovação*. Embaixada do Japão no Brasil. Retrieved January 14, 2023, from <https://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/arquitetura.html>
- Estevão, V. S. P. (2015). *A tendência para o design minimalista*. Instituto Politécnico de Tomar: Repositório Comum. Retrieved January 13, 2023, from <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/13738>
- Flavin, D. (2022). 'untitled (to Don Judd, colorist) 1-5', *Dan Flavin, 1987* | Tate. <https://www.tate.org.uk/art/artworks/flavin-untitled-to-don-judd-colorist-1-5 -al00350>
- Force, A. K. (2004). *La Monte Young, Terry Riley, Steve Reich, and Philip Glass: The evolution of minimalism and audience response*. University Ottawa.
- Frank Stella. *The Marriage of Reason and Squalor, II. 1959*. (n.d.). MoMA. https://www.moma.org/collection/works/80316?artist_id=5640&page=1&sov_referrer=artist
- Gardner, M. J., & Vervoordt, A. (2017). *Axel Vervoordt: Stories and Reflections*. Flammarion.
- Garrity, A., & guide, s. (2019, January 11). *What Is the KonMari Method? - How to Declutter and Organize Like Marie Kondo*. Good Housekeeping. Retrieved January 7, 2023, from <https://www.goodhousekeeping.com/home/organizing/a25846191/what-is-the-konmari-method/>
- Gómez, F. M. (2015). *LA PINTURA Y ABSTRACCIÓN*. Facultat de Belles Arts de San Carles. [https://riunet.upv.es/bitstream/handle/10251/50135/MEM%
c3%93RIA%20FERNANDO%20MASCARELL%20G%
c3%93MEZ.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://riunet.upv.es/bitstream/handle/10251/50135/MEM%c3%93RIA%20FERNANDO%20MASCARELL%20G%c3%93MEZ.pdf?sequence=1&isAllowed=y)
- Gonçalves, I. (2013). *La ciudad japonesa, sus casas y sus objetos: espacio y tiempo manchados de sombra y silencio*. Universidad de Oviedo.

[https://digibuo.uniovi.es/dspace/bitstream/handle/10651/61990/La%20ciudad%20japones a.pdf?sequence=2](https://digibuo.uniovi.es/dspace/bitstream/handle/10651/61990/La%20ciudad%20japones%20a.pdf?sequence=2)

Gurgel, M. (2020). *Projetando espaços: Design de interiores (6ª edição ed.)*. Editora Senac São Paulo.

<https://books.google.pt/books?id=DcTXDwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>

Happiness, Benevolence, and Trust During COVID-19 and Beyond | The World Happiness

Report. (2022, March 18). World Happiness Report. Retrieved December 22, 2022, from <https://worldhappiness.report/ed/2022/happiness-benevolence-and-trust-during-covid-19-and-beyond/#ranking-of-happiness-2019-2021>

História da arte - arquitetura, pintura, escultura, gráficos, técnicas. (2012). Parragon Books.

História do Japão antigo - do período Edo à restauração Meiji. (2018, March 27). Aula Zen.

Retrieved January 7, 2023, from

<https://aulazen.com/historia/historia-do-japao-antigo-do-periodo-edo-a-restauracao-meiji/>

Home. (n.d.). Retrieved January 14, 2023, from

https://www.archdaily.com/490519/villa-gallery-in-karuizawa-makoto-yamaguchi-design/53339%20e9c07a80cb6b000133-villa-gallery-in-karuizawa-makoto-yamaguchi-design-photo?next_projec%20t=no

Howell, J. P., & Sundberg, T. (2015). Towards an affective geopolitics: soft power and the

Danish notion of ‘hygge’. *Environment, Space, Place, Vol.7*(No.2), pp. 97-120.

10.5840/esplace20157213

- How Minimalism And Hygge Make A Cosy Home*. (2021, November 8). The Plain Simple Life. Retrieved January 5, 2023, from <https://www.theplainsimplelife.com/minimalism-and-hygge/>
- Jensen, Hagensby, R., Yolande, S., Dimitrios, R., Larissa, N., Jesper, K., & Mikael, S. (2018, Junho 8). Exploring Hygge as a Desirable Design Vision for the Sustainable Smart Home. *DIS 2018 - Proceedings of the 2018 Designing Interactive Systems Conference*, pp. 355-360. <https://doi.org/10.1145/3196709.3196804>
- Johnson, T. (1972, Abril 6). *THE VOICE OF NEW MUSIC*. Editions 75. Retrieved January 13, 2023, from <https://www.charliemorrow.com/pdfs/TheVoiceOfNewMusic.pdf>
- Judd, D. (2017, Julho 31). *A problemática das formas na arte contemporânea: Um olhar sobre Objetos Específicos de Donald Judd*. Wix.com. Retrieved January 13, 2023, from <https://quadradoazulprojet.wixsite.com/k4quadradoazul/single-post/2017/07/31/a-%20problema%20problem%C3%A1tica-das-formas-na-arte-contempor%C3%A2nea-um-olhar-sobre-objetos-%20espec%C3%ADficos-de-don>
- Koren, L. (2008). *Wabi-sabi for Artists, Designers, Poets & Philosophers*. Imperfect Publishing.
- Kuang, Y., & Zhang, W. (2017). The Application of Minimalist Style in Interior Design. *Atlantis Press, Advances in Social Science, Education and Humanities Research*, vol. 144, pag. 410 - 414.
- Lavatório e sanita numa única peça? Adira à revolução W+W*. (n.d.). Roca. Retrieved January 10, 2023, from <https://www.roca.pt/rocalife/lavatorio-e-sanita-numa-unica-peca-ww>
- Lee, R. (2022). *The Influence of Zen on Contemporary Aesthetics in Decorative Arts and Interior Design*. Sotheby's Institute of Art. https://digitalcommons.sia.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1107&context=stu_theses

- Loja Boutique Foz I.* (2022, Setembro). Jota Barbosa Interiores. Retrieved January 8, 2023, from <https://jotabarbosa.com/projetos/loja-boutique-foz-1/>
- Loos, A. (2006). *Ordemanento e Crime*. Cotovia, Lisboa.
- Mamede, S. C. (2021, Outubro). *Meaningmalism: De uma revisão crítica a uma proposta concetual do minimalismo no consumo*. Repositório Aberto da Universidade do Porto. Retrieved January 13, 2023, from <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/137534/3/513547.pdf>
- Márquez, C. M. (2008). *Sin objeto: Epojé, vanguardia y fenomenología*. Sociedad Española de Fenomenología.
- Mendes, A. I. A. (2020). *Habitação Mínima - Organização do espaço e do equipamento*. iscte. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/22049>
- Millburn, J. F., & Nicodemus, R. (2011). *Minimalism: Live a Meaningful Life*. Asymmetrical Press.
- Miller, D. C. (n.d.). *16 Americans*. MoMA. Retrieved January 13, 2023, from <https://www.moma.org/calendar/exhibitions/2877>
- MoMa. (n.d.). *Pop Art*. MoMA. Retrieved January 13, 2023, from http://www.moma.org/learn/moma_learning/themes/pop-art
- Moradia Boavista.* (2021, Novembro). Jota Barbosa Interiores. Retrieved January 8, 2023, from <https://jotabarbosa.com/projetos/moradia-boavista/>
- Moradia Cantanhede.* (2022, Julho). Jota Barbosa Interiores. Retrieved January 13, 2023, from <https://jotabarbosa.com/projetos/moradia-cantanhede/>
- Moradia Tomar.* (2022, Janeiro). Jota Barbosa Interiores. Retrieved January 10, 2023, from <https://jotabarbosa.com/projetos/moradia-tomar/>

- Netto, D. (2014, May 7). *The Luxury of Humility*. The New York Times. Retrieved December 12, 2022, from <https://www.nytimes.com/2014/05/07/t-magazine/axel-vervoordt-greenwich-hotel-wabi-sabi-penthouse.html>
- Nicodemus, R., & Millburn, J. F. (2021). *Less Is Now*. Netflix. <https://www.netflix.com/title/81074662>
- Night, B. (2013). *The Art Of Minimalist Organization*.
- Nyman, M. (1999). *Experimental music : Cage and beyond (A. Whittall, Ed.)*. Cambridge University Press. <https://is.muni.cz/el/phil/jaro2015/IM027/um/Michael.Nyman.Experimental.Music.pdf>
- Obendorf, H. (2009). *Minimalism: Designing Simplicity*. Springer London.
- Oliveira, V. d. A. (2009). *Reflexões sobre o Minimalismo na Arquitetura UNIVERSIDADE LUSÍADA DE VILA NOVA DE FAMALICÃO*. Oliveira, Valdemar de Azevedo Reflexões sobre o Minimalismo na Arquitetura. Retrieved January 13, 2023, from http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/11067/2438/1/mia_valdemar_oliveira_dissertacao.pdf
- Pavilhão de Portugal | ULisboa*. (n.d.). Universidade de Lisboa. Retrieved January 14, 2023, from <https://www.ulisboa.pt/patrimonio/pavilhao-de-portugal>
- Pereira, C. (n.d.). *O preto como signo de qualidade e distinção na comunicação da embalagem de alimentos. RevistFAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, vol.24(Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), 21*. <https://www.redalyc.org/pdf/4955/495553930018.pdf>

- Phaidon. (2014). *What did Mies van der Rohe mean by less is more? O que Mies van der Rohe quis dizer com menos é mais |? arquitetura | Phaidon.*
- Potter, K. (2002). *Four Musical Minimalists: La Monte Young, Terry Riley, Steve Reich, Philip Glass.* Cambridge University Press.
- A problemática das formas na arte contemporânea: Um olhar sobre Objetos Específicos de Donald Judd.* (2017, July 31). Wix.com. Retrieved January 13, 2023, from <https://quadradoazulprojeto.wixsite.com/k4quadradoazul/single-post/2017/07/31/a-problema%C3%A1tica-das-formas-na-arte-contempor%C3%A2nea-um-olhar-sobre-objetos-espec%C3%ADficos-de-don>
- Projetos Residenciais.* (2023, January 6). NJ. Retrieved January 9, 2023, from https://nildojose.com/projetos_nj/apto-sao-paulo-ib-ib_apto/
- Quadri, M. H. (2021, January 10). *A COMPARATIVE STUDY OF MINIMALIST LIFESTYLE AND THE ISLAMIC PRACTICE OF SIMPLE LIVING | CIFIA Global Journal.* Cifia Global Journal. Retrieved January 13, 2023, from <https://cifiaglobal.com/issue/2/article/cgj-2-6.pdf>
- Ramstedt, F. (2020). *The Interior Design Handbook: Furnish, Decorate, and Style Your Space.* Clarkson Potter/Ten Speed.
- Rathour, A., & Mankame, G. (2021). *Decluttering the Future: An Analysis of Indian Minimalism.* *International Journal of Policy Sciences and Law (IJPSL), Volume 1(Issue 3), 1763.*
- Reich, S. (1976). *Music For 18 Musicians.* Hendon Music & Boosey & Hawkes.
- https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5121322/mod_resource/content/1/Music%20for%2018%20Musicians%20%28Reich%29.pdf

- RTP_ ANTENA 3. (2018, November 8). *Steve Reich: música para 18 músicos (e não só) | Especiais | Antena 3*. RTP. Retrieved January 13, 2023, from <https://media.rtp.pt/antena3/ouvir/steve-reich-musica-para-18-musicos-e-nao-so/>
- Santos, A. (2016). *O CAMPUS UNIVERSITÁRIO NORTE AMERICANO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX*. Instituto Superior Técnico.
- Sequeira, M. L. P. (2012). *O minimalismo nas produções escultórica e arquitetónica*. UNIVERSIDADE DE LISBOA FACULDADE DE BELAS-ARTES. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/8680>
- Shelley, P. J. (2013). *Rethinking Minimalism: At the Intersection of Music Theory and Art Criticism*. University of Washington. https://digital.lib.washington.edu/researchworks/bitstream/handle/1773/24092/Shelley_washington_0250E_12317.pdf?sequence=1&isAllowed=y
- Sousa, Â. d., Tropa, F., & Centro de Arte Moderna. (2006). *Ângelo de Sousa: escultura* (N. Faria, Ed.; J. G. Flores, Trans.). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Suzuki, D. T. (1959). *ZEN AND JAPANESE CULTURE*. Bollingen Foundation Inc. by Pantheon Books Inc., New York, N. Y. <https://archive.org/details/in.gov.ignca.16794/page/285/mode/2up>
- Świątek, D. B. (2017). Hygge as cultural keyword. *STUDIA SCANDINAVICA 1(21)/2017*, 151 - 159. <https://doi.org/10.26881/ss.2017.21.10>
- TATE. (2022). *Minimalism | Tate*. Tate Modern. Retrieved January 13, 2023, from <https://www.tate.org.uk/art/art-terms/m/minimalism>
- Torres, T. G. (2015). *CAMPOS Y LÍMITES DE COLOR LUZ*. Facultat de Belles Arts de Sant Carles. <https://riunet.upv.es/bitstream/handle/10251/60585/GONZ%c3%81LEZ%20->

%20Campos%20y%20l%20c3%admites%20de%20color%20luz..pdf?sequence=3&isAllowed=y

The TriBeCa Penthouse. (n.d.). The Greenwich Hotel. Retrieved December 12, 2022, from <https://www.thegreenwichhotel.com/penthouse/>

'Two Open Modular Cubes/Half-Off', Sol LeWitt, 1972 | Tate. (n.d.). Tate Modern. Retrieved January 13, 2023, from <https://www.tate.org.uk/art/artworks/lewitt-two-open-modular-cubes-half-off-t01865>

2005 DBJC HOUSE, Cádiz. (n.d.). Alberto Campo Baeza. Retrieved January 14, 2023, from <https://www.campobaeza.com/dbjc-house/>

Uma casa portuguesa e minimalista - Casa Vogue | Casas. (2018, January 13). Casa Vogue. Retrieved January 10, 2023, from <https://casavogue.globo.com/Arquitetura/Casas/noticia/2018/01/uma-casa-portuguesa-e-minimalista.html>

VanEenoo, C. (2011, Abril 19). *Minimalism in Art and Design: Concept, Influences, Implications and Perspectives*. Academic Journals. Retrieved January 13, 2023, from <https://academicjournals.org/journal/JFSA/article-full-text-pdf/3A668BC6040>

VARDÖ white, Bed storage box, 65x70 cm. (n.d.). IKEA. Retrieved January 12, 2023, from <https://www.ikea.com/gb/en/p/vardoe-bed-storage-box-white-00222671/>

Vázquez, A. C. (2014). *ENTRE EL VACÍO Y LA PRESENCIA*. . Facultat de Belles Arts de San Carles. https://riunet.upv.es/bitstream/handle/10251/45962/ANNA_CERD%c3%81_TFG_2013-2014.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Visão | *Sabe o que é o 'hygge', o segredo dinamarquês para a felicidade?* (2017, March 20).

Visão. Retrieved December 21, 2022, from

<https://visao.sapo.pt/atualidade/sociedade/2017-03-20-sabe-o-que-e-o-hygge-o-segredo-dinamarques-para-a-felicidade/>

Von Der Schulenburg, F., & Howes, K. (2013). *Luxurious Minimalism: Elegant Interiors*.

Random House Incorporated.

Wolff, J. (2005, Fevereiro 1). *the meanings of minimalism SAGE Journals*, vol. 4(1), 65-71.

<https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1525/ctx.2005.4.1.65>

Zabalbeascoa, A., & Marcos, J. R. (2015). *Biografias de Vidas Construídas de Arquitetos*. GG.

Zaxarov, A. (2020). *Villa + Gallery in Karuizawa by Makoto Yamaguchi Design*. THISISPAPER.

<https://www.thisispaper.com/mag/villa-gallery-karuizawa-makoto-yamaguchi-i-design>

Zhang, X. (2016). *Discussion on Application for Interior Space Design and the Application of*

Interior Design Style. In *International Conference on Education, Management and*

Computing Technology (ICEMCT16). Atlantis Press.

<https://doi.org/10.2991/icemct-16.2016.12>